

La Comédiathèque

Xeque-Mate



**Jean-Pierre
Martinez**

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Xeque-Mate

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A política frequentemente assemelha-se a uma partida de xadrez, excluindo qualquer noção de moral. Quer seja alguém jogando com as peças brancas ou negras, trata-se sempre de um lado vencendo o outro para que reste apenas um rei. Um jogo absurdo, uma vez que com a derrota do oponente, o jogo também chega ao fim. E o único futuro possível só pode ser uma possível revanche. Este é o tema desta comédia mordaz, onde o rei e a rainha, e aqueles que conspiram para substituí-los, não hesitam em sacrificar peões para ganhar a partida. Uma ilustração trágico-cômica das extravagâncias às quais aqueles que sucumbem ao vírus da política podem se entregar...

Personagens:

O rei
A rainha
A princesa
O líder da oposição
O ministro
O general
O mordomo
A criada

*O ministro, o general, o mordomo e a criada podem ser personagens masculinos ou femininos sem necessidade de adaptar os diálogos ou com pequenas alterações.
Distribuições possíveis - 6H/2M, 5H/3M, 4H/4M, 3H/5M, 2H/6M*

ATO 1

Sala do trono. A ação ocorre em um país e em uma época indeterminada. O rei está sentado em seu trono, com uma coroa na cabeça. Ele lê um jornal com manchetes sobre a crise que afeta o país e a revolta que se aproxima em seu reino: o povo está com fome e exige reformas. O rei dobra o jornal e o joga sobre uma mesa baixa, onde já há uma bandeja de café da manhã.

Rei – Depois de tudo o que fiz por eles... Que ingratidão... (*Suspirando*) No final, eles acabarão com a minha vida... (*Se recompõe*) Mas não vou deixar isso acontecer...

Ele agita um sino com uma alça. Ninguém vem. Impaciente, ele agita o sino com mais força. O mordomo aparece.

Mordomo – Vossa Alteza me chamou. Como posso servi-lo?

Rei – Traga uma corda.

Mordomo – Uma corda?

Rei – Sim, uma corda. Você não sabe o que é uma corda?

Mordomo – Que tipo de corda, Vossa Alteza?

Rei – Digamos... uma corda resistente o suficiente para suportar o peso de um homem.

Mordomo – Compreendo o que quer dizer... Vou buscar isso imediatamente, Sua Majestade...

O mordomo sai, um pouco preocupado. A criada entra.

Criada – Com licença, Vossa Alteza, posso retirar os restos do seu café da manhã?

Rei – Claro, vá em frente... Na verdade, vou ter que subir nesta mesa mais tarde para me enforcar.

Sem se perturbar, a criada pega a bandeja da mesa baixa.

Criada – Lamento ver que Vossa Alteza mal tocou na comida... Alguma coisa o desagradou?

Rei – O que posso dizer, minha querida, a vida é mal distribuída. Os pobres passam fome e os ricos perdem o apetite...

Criada – Vossa Alteza deseja algo mais?

Em vez de responder, ele lhe lança um olhar estranho.

Rei – Posso fazer-lhe uma pergunta?

Criada (*na defensiva*) – Estou ao seu serviço, Sua Majestade...

Rei – Você me ama?

Criada – Se eu o amo...?

Rei – Não, não me refiro a... amar como uma mulher pode amar um homem.

Criada – Ah, não...

Rei – Além disso, já estivemos juntos na cama, não é?

Criada – Não me lembro, Vossa Alteza...

Rei – Você não lembra?

Criada – Bem, sim, mas... Na verdade, não...

Rei – O que quer dizer com "sim, mas não"?

Criada – O que quero dizer é que não acredito que Vossa Alteza e eu...

Rei – Nunca estive na cama contigo?

Criada – Não, Sua Alteza.

Rei – Tem certeza?

Criada – Acho que me lembraria.

Rei – Você está certa. Devo estar a confundir-la com a outra...

Criada – A outra?

Rei – A outra criada.

Criada – Sua Majestade tem apenas uma criada... Pelo menos, apenas uma designada para o seu serviço pessoal.

Rei – Sério?

Criada – E também apenas um mordomo.

Rei – É curioso... Por que será?

Criada – Suponho que seja para limitar o risco de ser assassinado...

Rei – É verdade, você está certa... Nesse caso, devo estar a confundir-la com a criada que estava aqui antes de você.

Criada – Antes de mim?

Rei – Sim, antes de você. Há quanto tempo você está ao meu serviço?

Criada – Dez anos, Sua Alteza.

Rei – Dez anos! Bem... então não sei... Devo estar a confundir-la com minha esposa.

Criada – Certamente, Sua Alteza.

Rei – Não, o que eu queria lhe perguntar é se você gosta de mim.

Criada – Se eu gosto de você? Como pessoa...

Criada – Como pessoa...?

Rei – Como rei, então! Supõe-se que todos devem amar o seu rei, não é?

Criada – Mas claro, Sua Alteza...

Rei – E bem?

Criada – Quer dizer... você mandou executar os meus dois primeiros maridos.

Rei – Bem... isso é curioso, também não me lembrava... E por que eu teria feito algo assim?

Criada – Você os acusou de espionagem, mas...

Rei – Mas...?

Criada – Acho que na verdade foi porque eles o venciam no xadrez...

O rei parece um pouco desconcertado.

Rei – Já vejo... Bem, pegue esta bandeja e saia daqui.

Criada – Devo levar também o jornal, Sua Majestade?

Rei – Sim, sim, tire tudo isso de mim. E queime este panfleto...

A criada pega o jornal e dá uma olhada nas manchetes.

Criada – Ah sim... Aparentemente... a coisa está a ficar preta.

Rei – Saia daqui!

A criada se vai. O mordomo regressa com uma corda com um nó corrediço.

Mordomo – Aqui está a corda de Sua Majestade. Tomei a liberdade de fazer um nó corrediço. Meu pai me ensinou a fazer todo tipo de nós quando eu era criança. Ele era marinheiro...

Rei – O meu era carnicheiro. Enforcou-se num gancho na sua câmara frigorífica...

Mordomo – Estou a perceber... Vossa Majestade prefere que eu lhe traga um gancho de talho? Para respeitar a tradição familiar...

Rei – Pode ir. E não quero ser incomodado mais.

Mordomo – Muito bem, Majestade.

O mordomo retira-se com uma expressão intrigada. O rei pega na corda. Olha para o teto e depois sobe para a mesa baixa, segurando a corda na mão, claramente à procura de um lugar para a pendurar. Mas a mesa é demasiado baixa. A sua ministra chega e observa a cena por um momento, sem que o rei dê por ela.

Ministra – Os meus respetos, Majestade.

O rei fica assustado e quase cai da mesa.

Rei – Assustou-me, seu idiota... Quase caí...

Ministra – Peço perdão a Vossa Majestade.

Rei – Partir o pescoço ao cair da mesa em que subiu com a intenção de se enforcar... Reconhecer que seria uma morte estúpida.

A ministra observa com intriga o rei, de pé em cima da mesa baixa, segurando a corda para se enforcar.

Ministra – Meu Deus... Eu estava apenas passando para perguntar sobre Sua Majestade... Parece que não está muito bem hoje.

Rei – Você é realmente uma psicóloga, eu sabia quando a escolhi como ministra e conselheira.

Ministra – O que está acontecendo, Sua Alteza?

Rei – O que está acontecendo? Você não lê os jornais?

Ministra – Apenas os impressos pelo nosso Ministério da Propaganda, Sua Majestade. Os outros são destinados a desmoralizar a população.

Rei – Bem, exatamente. Ultimamente, o que leio na imprensa independente tem me desmoralizado.

Ministra – Não se deve ver tudo em preto, Sua Alteza. Sempre há uma luz no final do túnel.

Rei – Sim, dizem que quando alguém está morto, é isso que vê: uma luz no final de um túnel.

Ministra – Se Sua Majestade desejar se abrir comigo, serei sua confidente... Pode contar com minha discricção. Serei muda como um túmulo.

O rei desaba em seu trono.

Rei – Até agora, no entanto, tudo correu bem para mim. Eu me elegi presidente quatro vezes...

Ministra – Alterando a constituição cada vez para torná-lo constitucional.

Rei – Quando não foi mais possível, me elegi presidente vitalício.

Ministra – E para que sua filha possa sucedê-lo no trono um dia, finalmente restaurou a monarquia.

Rei – Eu mesmo coloquei essa coroa na minha cabeça.

Ministra – Como Napoleão.

Rei – Tenho que admitir que a coroa foi um sonho de infância. Tornar minha esposa rainha e minha filha princesa... Quem nunca acariciou essa ideia?

Ministra – Esse sonho, você conseguiu realizá-lo.

Rei – E sei que pude contar com seus sábios conselhos, com a lealdade de nosso exército e com a persuasão de nossa polícia secreta.

Ministra – Então, por que esse humor sombrio?

Rei – Nada está indo bem, você sabe. Não é preciso ler a imprensa para perceber. Basta ouvir os rumores na rua. Eles ecoam até o palácio. O povo está se manifestando sob as minhas janelas!

Ministra – O povo... É um rio tranquilo que às vezes transborda de seu leito.

Rei – Se não tivermos cuidado, esses transbordamentos podem levar nosso palácio.

Ministra – Sempre é possível canalizar um rio transbordado. Quer que eu ordene que as tropas ajam?

Rei – Temo que isso não seja mais suficiente. O país está à beira do abismo. O povo não tem o que comer. Quando o medo de morrer de fome supera o medo da polícia, é a revolta. E quando a ira do povo se volta contra a pessoa do rei, é a revolução.

Ministra – Então, o que podemos fazer?

Rei – Você é minha ministra, achei que era seu dever me dizer...

A ministra também se senta.

Ministra – Você está certo... O povo exige eleições livres, e não poderemos negá-las por muito mais tempo.

Rei – Eu me pergunto se fizemos certo em tolerar esses opositores.

Ministra – Tínhamos que mostrar uma aparência de democracia para preservar nossa imagem perante as organizações internacionais. O mundo está nos observando... e a Europa nos financia.

Rei – Mas nosso povo nos odeia! Se aceitarmos eleições livres, o veredicto será esmagador. Será o fim da monarquia! E provavelmente o nosso fim também...

Ministra – Sim... a menos que consigamos fazer eleger um fantoche...

Rei – Um fantoche?

Ministra – Um homem... ou uma mulher. Um candidato que apresentáramos como independente, mas que estaria completamente comprometido com você. A monarquia se manteria como em muitos países europeus. O Primeiro Ministro seria alguém do seu círculo íntimo. E você continuaria a mover os cordéis nos bastidores...

Rei – Será necessário outra nova constituição... Em quantas estamos desde a minha primeira eleição?

Ministra – Oito, se não me engano. Esta seria a nona.

Rei – E imagino que se vê nesse papel de mulher providencial... para não dizer presidencial, não é verdade?

Ministra – Estou à disposição de Sua Majestade. Mas, se for necessário, poderíamos encontrar um candidato mais credível...

Rei – Já não acredito nisso... Desta vez o povo não nos seguirá. Apesar de todas as nossas maquinações para manipular as eleições, acabarei linchado, como um vulgar ditador.

Ministra – É uma possibilidade, infelizmente...

Rei – Obrigado pelo seu apoio... Isso me anima muito... Não, preferiria terminar em grande.

Ministra – Em grande? Pendurado no candelabro na sala do trono?

Rei – Se tiver que me enforcar, prefiro ter controle sobre a hora e o lugar...

Ministra – Recupere-se, Sua Alteza. Muitas pessoas ainda contam com você, e você pode contar com elas.

Rei – Eu diria que você tem medo de sofrer o mesmo destino que eu.

Ministra – Talvez eu tenha uma solução, espere um pouco antes de se enforcar.

Rei – Nunca pensei que ouviria essa frase da minha conselheira mais leal...

Ministra – O jogo de poder é como um jogo de xadrez, Sua Majestade. E no xadrez, o rei é a única peça que não pode se suicidar.

Rei – Mas o jogador pode abandonar o jogo se sentir que não há esperança.

Ministra – Você é o rei. Deixe-me conduzir o jogo. Voltarei em breve e apresentarei uma estratégia que, tenho certeza, o surpreenderá...

Rei – Estou ansioso para conhecê-la...

Ministra – Até logo, Sua Alteza.

A ministra sai, deixando o rei mais perplexo do que nunca. Ele pega a corda novamente e a olha, indeciso. A rainha chega como um furacão.

Rainha – Estou terrivelmente atrasada. Você não terá visto a criada por acaso?

Rei – Ela estava aqui há um momento. Disse-lhe que não queria ser incomodado...

Rainha – Exatamente o que eu estava dizendo! Quando alguém quer tirar uma soneca, tem essa criada nas costas, mas quando realmente precisa...

Rei – Nas costas...

Rainha – Ter alguém nas costas, sim, é uma expressão popular para dizer que...

Rei – Ah, sim... Porque ter a criada nas costas quando estou tirando uma soneca...

Rainha – Não parece bem, querido... Era isso que estava dizendo, seria melhor ir fazer a soneca...

Rei – Precisamente, ainda estou em dúvida entre a soneca e o sono eterno.

A rainha vê a corda.

Rainha – O que é isto?

Rei – Uma corda.

Rainha – Falando em cordas, estava a pensar em ir fazer compras em Londres esta tarde. Não precisa do jato, pois não?

Rei – Não, não tenho intenção de usar o jato hoje... Mas, o que é que isso tem a ver com uma corda?

Rainha – Nada... Porquê?

Rei – Você disse... falando em cordas, estava a pensar em ir fazer compras em Londres.

Rainha – Mas é uma expressão comum, querido! Uma expressão feita. Uma frase que não significa nada, mas que permite fazer uma transição na conversa. Quando dizemos falando em cordas... ou falando em qualquer coisa, o que vem a seguir não tem que ter relação com o que foi dito antes. É só para justificar mudar de assunto.

Rei – Quer dizer "mudar de assunto," suponho.

Rainha – Realmente decidi irritar-me hoje... Não acha que já estou irritada o suficiente? Além disso, como é que chegámos a falar de cordas, aliás?

Rei – Tem razão, "em casa de enforcado não se fala em corda".

Rainha – Alguém já se enforcou neste palácio?

Rei – Não, ainda não.

Rainha – Então, posso apanhar o jato.

Rei – Claro.

Rainha – É a Black Friday hoje, percebe?

Rei – Ah, sim... Black Friday...

Rainha – Tudo ficou tão caro agora. Especialmente com a nossa moeda que não para de desvalorizar. Vê em que situação estou? Fazendo compras como uma vulgar criada... Falando em criada, se a vir, pode mandá-la para mim?

Rei – Não deixarei de fazê-lo.

Rainha – Sim, porque já que estamos nisso, vou levá-la comigo.

Rei – Para que ela também faça compras?

Rainha – Para levar as sacolas! Você não precisava dela, pelo menos?

Rei – Não, não...

Rainha – Nesse caso, devo deixá-lo... Vou embora em uma hora e nem sequer estou maquiada. Até esta noite!

Rei – Claro... Até esta noite, querida...

A rainha sai, deixando o rei atônito. O burburinho popular é ouvido do lado de fora. O rei toca novamente sua campainha. O mordomo retorna.

Mordomo – Em que posso servi-lo, Majestade?

Rei – Ouve esses gritos lá fora?

Mordomo (*incomodado*) – Não, Majestade...

Rei – Se não os ouve, é porque é surdo... É surdo?

Mordomo – Não, Sua Alteza.

Rei – Então, ouve esses gritos, assim como eu. Mas tem medo de ser executado se me disser que os ouve... Tem medo de ser executado?

Mordomo – Meu Deus... Sim, claro, Sua Majestade... Como todos...

Rei – Como todos?

Mordomo – Expresso-me mal, Sua Alteza...

Rei – Pode me dizer tudo, sabe. Peço-lhe. Exijo. Ouço os seus gritos, mas não consigo distinguir as suas palavras. O que estão dizendo?

Mordomo – É verdade, eu... Acho que agora estou ouvindo algo vagamente. Mas garanto que não consigo entender uma palavra desses gritos...

Rei – Estão gritando "morte ao tirano"! É isso que estão gritando!

Mordomo – Ah, sim, talvez... Agora que me diz isso...

O rei suspira de cansaço e desaba em seu trono.

Rei – Eu desejava tanto que me amassem pelo que sou.

Mordomo – Mas Sua Alteza... você é um tirano.

Rei – Nem sempre o fui, sabe... Quando fui eleito pela primeira vez, de maneira perfeitamente democrática, as pessoas também gritavam na rua. Mas era para me lembrar de todas as esperanças que tinham depositado em mim. E para me gritar seu amor. Lembra-se?

Mordomo – Na verdade, não, Sua Alteza...

Rei – Eu era jovem. Eles também. Sinceramente desejava a felicidade deles, garanto-lhe. E depois, aos poucos, a corrupção se instalou, como o verme na fruta. O poder corrompe, o poder absoluto corrompe absolutamente. Sabe quem disse isso?

Mordomo – Acredito que tenha sido Maquiavel, Sua Alteza.

Rei – A esperança se transformou em decepção, a decepção em resignação, a resignação em desespero, o desespero em raiva e a raiva em ódio... Como recuperar o coração de uma amante a quem decepcionou e que só conseguiu manter pela força? Como manter uma mulher que o odeia?

Mordomo – Como mantê-la? Não sei, Sua Majestade. Além de a ter congelada em uma câmara frigorífica, talvez...

Rei – As pessoas que marcham hoje pedindo minha morte são tão jovens quanto aquelas que comemoraram minha vitória ontem. Sou eu quem envelheceu... Estou podre por dentro... Não sente esse cheiro de podre?

Mordomo – Lamento, Sua Alteza. Tenho tido um pouco de congestão nasal nos últimos dias. Perdi o sentido do olfato. Não sei o que é. Deve ser um vírus.

Rei – A propósito, tem ranho no nariz. É um espetáculo absolutamente lamentável, garanto-lhe.

Mordomo – Lamento, Sua Majestade. Se Sua Alteza já não precisa de mim.

Rei – Vai em frente, pode retirar-se.

Mordomo – Devo levar a corda, ou Sua Majestade planeia usá-la mais tarde à noite?

Rei – Pode levá-la...

Mordomo – Muito bem, Sua Majestade.

O mordomo pega a corda relutantemente e sai. A princesa chega.

Princesa – Bom dia, pai.

Rei – Bom dia, minha filha.

Princesa – Acabei de cruzar com o mordomo... Não sei a quem ele pretende amarrar o nó com essa corda...

Rei – Talvez à criada... Elas estão sempre brigando.

Princesa – O mordomo vai se casar com a criada?

Rei – Não sei, por que acha que eles vão se casar?

Princesa – Disse que o mordomo ia amarrar o nó à criada.

Rei – E daí?

Princesa – É uma expressão, não a conhece? Amarrar o nó... Significa casar-se com alguém.

Rei – Não sabia...

Princesa – É uma expressão popular em nosso país.

Rei – Infelizmente, já não sei como o povo fala...

Princesa – No entanto, também é filho do povo.

Rei – É verdade. Meu pai era açougueiro, minha mãe cuidava do caixa, e quando eu tinha a sua idade, eu era aprendiz...

Princesa – Espero que, depois de ter sido presidente e depois rei, não fique na história como o açougueiro do seu próprio povo...

Rei – A menos que em breve seja o povo a cravar minha cabeça em uma estaca para exibi-la nas ruas como um troféu. Ouve aqueles gritos lá fora?

Princesa – Sim.

Rei – O que estão dizendo exatamente?

Princesa – Exatamente... (*Ela escuta por um momento*) Alguns gritam "Abaixo a ditadura". Outros dizem "Eleições livres". Mas o que mais se repete, acredito, é...". Xeque ao rei". Ou também "Xeque-mate".

Rei – Não devem ignorar minha paixão pelo xadrez...

Princesa – Eles só querem ser governados por alguém que se pareça com eles e que os entenda.

Rei – Parece que o povo esqueceu de onde venho.

Princesa – Acho que, acima de tudo, eles querem saber para onde todos nós estamos indo...

Rei – E você? Não vai fazer compras em Londres com sua mãe?

Princesa – Não... Curiosamente, a ideia de fazer compras em um jato particular enquanto nosso povo morre de fome me faz sentir culpada.

Rei – Não me julgue muito severamente, minha filha. Outros cuidarão disso. E o veredicto deles será implacável.

Princesa – Talvez ainda haja tempo para evitar o pior...

Rei – Temo que já seja tarde demais... Mas não se preocupe, se tudo der errado, sempre poderemos fugir do país com nosso dinheiro. Sua mãe e eu passaremos nossos dias tranquilamente em um país amigo, e você concluirá seus estudos em um internato na Suíça.

Princesa – Um país amigo, tem certeza? Hoje em dia, os ditadores derrubados geralmente acabam no Tribunal Internacional.

Rei – Sem dúvida, todos estão determinados a animar meu dia hoje.

Princesa – Estou apenas tentando abrir seus olhos...

Rei – Quando chegar a hora, espero principalmente que esteja aqui para fechá-los para mim... E você, minha filha, encontrou alguém para amarrar-lhe o nó?

Princesa – Não diria exatamente assim, mas... talvez.

Rei – Quer me contar sobre isso?

Princesa – Ainda é um pouco cedo. E você já tem problemas suficientes agora...

A ministra retorna.

Ministra – Desculpe, Majestade, pensei que estava sozinho...

Princesa – Estou saindo.

Ministra – Meus respeitos, Princesa.

Princesa – Senhora...

A princesa lança um olhar gélido e sai.

Rei – Então, encontrou uma ideia para evitar a guilhotina?

Ministra – É muito mais do que uma ideia, Majestade. É um plano.

Rei – Estou ansioso para conhecê-lo.

Ministra – E você o conhecerá em breve. Mas para ter tempo de executar esse plano, precisamos ganhar um pouco de tempo. Há urgência, Alteza. Como pode ouvir, a revolta está crescendo.

Rei – O exército e a polícia ainda são leais a nós, certo?

Ministra – Por enquanto. Mas não devemos depender muito deles. Todos que vestem uniformes são volúveis. Uma brisa leve não os move, mas na primeira tempestade, eles seguem a direção do vento.

Rei – Estou ouvindo...

Ministra – Os manifestantes cercam o palácio, excitados pelos poucos opositores que ainda não prendemos.

Rei – Deveríamos tê-los eliminado, assim como os outros.

Ministra – Discordo, Alteza. Não há nada mais perigoso do que uma multidão sem um líder para canalizar sua raiva.

Rei – E você conhece esse líder?

Ministra – Entrei em contato com ele. Ele pediu uma audiência. Com ele, pelo menos, poderemos negociar.

Rei – Negociar? Negociar o quê? O comprimento da corda que nos enforcará?

Ministra – Por enquanto, é apenas uma questão de ganhar tempo... Tempo para executar nosso plano.

Rei – Nesse caso, estou confiando em você. Espero que nenhum de nós dois se arrependa. Onde está o líder da rebelião?

Ministra – Ele está na porta do palácio, com os outros. Pedirei que o tragam aqui.

Rei – Nesse caso, vou arrumar um pouco a minha aparência antes de recebê-lo... Não quero dar uma má impressão... E fazê-lo esperar um pouco não pode fazer mal... Por enquanto, ainda sou o rei.

Ministra – E aqueles que o apoiam estão dispostos a tudo para que ele continue a ser.

Saem. A princesa volta acompanhada de sua mãe, que está prestes a partir.

Rainha – Você realmente não quer me acompanhar a Londres?

Princesa – Neste momento, realmente não estou com vontade, eu garanto.

Rainha – Será que está apaixonada, por acaso...?

Princesa – Talvez... mas isso não tem nada a ver. Você não vê o que está acontecendo?

Rainha – O que vejo é que, para uma princesa, você está vestida como a Cinderela. Assim, não encontrará o seu príncipe. Venha fazer compras comigo!

Princesa – Em um jato particular?

Rainha – Não espera que eu vá em uma companhia aérea de baixo custo!

Princesa – Por que não?

Rainha – Com todos esses vírus circulando nos dias de hoje, viajar no meio de todas essas pessoas pobres que nem sequer podem pagar por um avião com refeições incluídas...

Princesa – Essas pessoas pobres, como diz, nem sequer podem pagar por uma refeição decente em suas casas. E muito menos pagar um avião...

Rainha – Não é minha culpa se são pobres...

Princesa – Tem a certeza disso?

Rainha – É o que quer que eu faça a respeito?

Princesa – Pelo menos podias fazer as suas compras no nosso país...

Rainha – Infelizmente, no nosso país, as lojas estão vazias há muito tempo... Em Londres estão muito bem abastecidas... e ainda por cima estão em saldos! Que mulher pode resistir ao apelo dos saldos?

Princesa – Eu, por exemplo.

Rainha – Bem, faça o que quiser... (*Olhando para o relógio*) De qualquer forma, preciso deixá-la, tenho de apanhar um avião.

Princesa – Não creio que ele descole sem você. É o avião pessoal do rei...

Rainha – Ah, verdade... Esqueço-me sempre... Pergunto-me como fazia antes...

Princesa – Suponho que já se vestia com descontos, mas no supermercado da esquina... Quando ainda havia algo nas prateleiras...

Rainha – Isso foi há muito tempo... Eu era vendedora na talho dos seus avós. Foi lá que conheci o seu pai... Às vezes, pergunto-me se éramos mais felizes naquela altura. Éramos jovens. Tínhamos um futuro assegurado. À medida que se envelhece, precisa-se de cada vez mais dinheiro para ser feliz. O luxo é uma droga. Quanto mais se consome, mais é preciso aumentar as doses para satisfazer as necessidades.

Princesa – Por isso prefiro não começar.

O líder da oposição aparece, apresentado pelo mordomo.

Rainha – Mas quem é este jovem tão bonito. É o seu noivo? Parece muito amável...

Princesa – É o líder da oposição. Há apenas cinco minutos, estava a gritar com os outros debaixo das nossas janelas que queria cortar-nos a cabeça aos três...

Rainha – Ah, já percebi...

Líder – Os meus respeitos, Sua Majestade...

Rainha – De qualquer forma, é muito educado... Bom, deixo-vos, tenho de ir...

A rainha sai.

Mordomo – Se o senhor quiser esperar aqui, Sua Majestade irá recebê-lo num momento.

O mordomo sai.

Líder – Olá, minha princesa...

Trocam um beijo, mas ela se liberta rapidamente de seu abraço.

Princesa – Sejamos prudentes. Meu pai está prestes a chegar...

Líder – Suponho que ele não saiba nada de nós dois.

Princesa – Não... e é melhor assim. Especialmente para você...

Líder – Tem razão... Além disso, também poderia causar problemas... O líder da oposição a namorar a filha do tirano... É melhor mantermos tudo isto em segredo por agora...

Princesa – E depois?

Líder – Depois?

Princesa – Quando tiver derrubado o rei. O que planeia fazer? Sentar-se no seu lugar no trono?

Líder – Organizar eleições livres, para começar. E se o povo me conceder os seus votos... Mas ainda não está garantido... Em que estado ele se encontra?

Princesa – Ele está a considerar suicidar-se.

Líder – Isso resolveria parte dos nossos problemas...

Princesa – Apesar de tudo, é meu pai. Se pudéssemos evitar chegar a esse extremo...

Líder – Pelo menos significa que está disposto a negociar.

Princesa – Sim... mas também teremos que convencer a sua ministra. Não se trata apenas do rei. Muitas pessoas teriam muito a perder se o monarca fosse derrubado.

Líder – Não sou ingénuo, tranquilize-se... Sei que nenhum ditador pode manter-se no poder sem a aprovação de uma parte considerável da população. Os privilegiados, uma parte da classe média, os militares, a Igreja... Todos aqueles a quem o regime concede favores para assegurar o seu apoio ativo, ou pelo menos passivo. É horrível, mas é assim que funciona: até genocidas têm amigos. Pelo menos no início...

Princesa – Embora não possa comparar meu pai com um genocida.

Líder – Ajuda-me a detê-lo antes que se torne o carrasco de seu próprio povo.

Princesa – Estou do seu lado, sabe. Só quero evitar mais derramamento de sangue.

Líder – Isso depende principalmente de seu pai...

O rei chega acompanhado de sua ministra. A ministra expressa surpresa ao ver o líder da oposição ao lado da princesa.

Ministra – Bom dia, senhor. Meus respeitos, princesa...

Líder – Bom dia, senhora... *(Para o rei)* Senhor...

Ministra – É costume dirigir-se ao rei como "Vossa Majestade" ou "Vossa Alteza".

Líder – Não é ofender a... Sua Majestade, lembrar que há alguns anos ele era apenas presidente, eleito pelo povo.

Rei – Princesa, peço que nos deixe, por favor.

Princesa – Sim, pai...

A princesa sai.

Rei – Aceitei recebê-lo na tentativa de acalmar as coisas e evitar uma escalada de violência. Entenderão que não poderemos tolerar por muito tempo esse tipo de tumulto.

Líder – Este tumulto foi provocado por você, impondo à força uma ordem inaceitável.

Ministra – Estamos aqui para ouvir as vossas demandas.

Líder – A vossa política de pilhagem sistemática das riquezas da Nação em benefício de uma elite governante levou o país à ruína. Só pedimos o regresso à democracia.

Ministra – Não pretendem exigir que o rei abdique?

Líder – Não estamos apegados aos símbolos. A monarquia pode permanecer se isso garantir uma transição democrática suave. Só exigimos que a assembleia seja eleita pelo povo. Será ela quem designará o Primeiro-Ministro e ele quem dirigirá a política da Nação.

Rei – E, claro, você se vê nesse cargo.

Líder – Será decisão dos eleitores. Mas sim, serei candidato.

Ministra – Se concordarmos com o seu pedido, compreenderá que precisaremos de algumas garantias.

Líder – Estou ouvindo.

Ministra – Não queremos prestar contas pelo passado. Será um acordo justo: eleições livres em troca de um acordo de imunidade.

Líder – Só nos interessa o futuro do país. Não buscamos vingança.

Ministra – Muito bem, estudaremos a sua proposta e daremos uma resposta o mais rápido possível.

Líder – Não demorem muito... Não conseguirei conter a ira das ruas por muito tempo... *(Saudando o rei com um toque de ironia)* Sua Majestade...

O líder sai.

Rei – Acho que você é muito conciliadora. Se aceitarmos eleições livres, está claro que as perderemos. Acabarei sendo, na melhor das hipóteses, a rainha da Inglaterra, e na pior, sucederei a Luís XVI na guilhotina. Em alguns anos, esse acordo de imunidade será denunciado, todos nós seremos julgados, e você me acompanhará no carrinho que nos levará à guilhotina...

Ministra – Eu sei de tudo isso.

Rei – E então?

Ministra – É apenas uma questão de ganhar um pouco de tempo.

Rei – Tempo? Para quê?

Ministra – É hora de expor meu plano... Mas para fazer isso, permita-me convocar o general responsável pelo nosso programa de armas secretas...

Rei – Muito secretas, sem dúvida... Nem sabia que tínhamos tal programa...

Ministra – O general estará aqui em breve.

Cena escura.

ATO 2

O rei está sentado em seu trono, jogando xadrez consigo mesmo, absorto em seus pensamentos. A rainha chega de mãos vazias, seguida pela criada, que carrega uma pilha de pacotes empilhados um em cima do outro.

Rainha (para a criada) – Coloque tudo isso no meu vestiário, querida. Você vai organizar mais tarde. Deve estar cansada também...

Criada – Sim, Alteza.

Rainha – Por enquanto, prepare-me um banho... Você descansará mais tarde...

Criada – Muito bem, Majestade.

A criada sai com os pacotes.

Rainha – Meu Deus, estou exausta...

Rei – Pelo menos encontrou o que queria...

Rainha – Quase não comprei nada.

Rei – Isso vejo...

Rainha – Havia tanta gente nas lojas. E então dizem que há uma crise.

Rei – Os saldos... Atraem as mulheres como o sangue atrai os tubarões...

Rainha – Sim, mas esses são os saldos das marcas de luxo. Em Harrod's, em Londres! Não pensei que fosse como a semana de descontos na mercearia da esquina.

Rei – É preocupante, de fato. Quando as esposas dos ditadores se veem reduzidas a ir aos saldos, é porque seus maridos estão perto da falência... E que a ditadura do proletariado está próxima...

Rainha – E você, teve um bom dia?

Rei – Acho que também organizarei saldos.

Rainha – No palácio? E o que vai liquidar?

Rei – A monarquia e todos os seus símbolos! Liquidação total antes do encerramento definitivo. Posso começar colocando à venda meu trono e minha coroa. O que acha?

Rainha – Não deveria brincar com isso... Bem, depois do meu banho, acho que irei diretamente para a cama. Não estou realmente com fome...

Rei – Esse é o nosso problema, querida. Perdemos o apetite pelo poder. Vá dormir o sono dos inocentes, esperando que o despertar não seja muito difícil...

Reina – Deixo-lo com os seus jogos de palavras, estou demasiado cansada para os entender...

Rei – Boa noite, minha rainha... (*A rainha sai.*) Bem-aventurados os de mente simples, os braços de Morfeu estão abertos para eles... Eu acredito que terei dificuldade em adormecer.

O rei desaba em seu trono, visivelmente sobrecarregado. A princesa chega.

Princesa – Majestade... Espero não estar a interromper...

Rei – Boa noite, minha princesa. Nunca me interrompe, sabe disso. A que devo a honra desta visita noturna?

Princesa – Só queria desejar-lhe boa noite. Mas vejo que está preocupado. Posso ser de alguma ajuda?

Rei – É dever de todos os reis preocuparem-se com o destino de seus súditos. Assim como é dever de todos os pais preocuparem-se com o futuro de seus filhos...

Princesa – É muito nobre da sua parte tratar os seus súditos como se fossem seus próprios filhos.

Rei – Como crianças, por vezes, os meus súditos são turbulentos. Também questionam a minha autoridade.

Princesa – É o destino dos povos, assim como o das crianças, quererem emancipar-se um dia.

Rei – Sem dúvida, quando chega o momento... Mas falemos de temas mais leves... Como foi o seu dia?

Princesa – Cada um dos nossos dias nos aproxima um pouco mais do precipício, você bem sabe...

Rei – É um pensamento muito sério para alguém da sua idade.

Princesa – À minha idade, você já era ministro.

Rei – É verdade. E farei o possível para que, quando você tiver essa idade, você seja rainha. Nada é menos certo nos dias de hoje, mas estou a trabalhar nisso, acredite em mim.

Princesa – Não se preocupe com isso. Não quero ser rainha a qualquer preço.

Rei – Infelizmente, não tenho a certeza de ainda ter a opção de renunciar ao trono. A história não é amável com os monarcas derrubados. Mais de um perdeu a cabeça.

Princesa – Pode-se viver sem reinar.

Rei – No que nos diz respeito, infelizmente, receio que, para continuar a viver, tenhamos de continuar a reinar.

Princesa – Mesmo que, para continuar a reinar, tenhamos de massacrar o nosso próprio povo?

Rei – Massacrar... É uma palavra muito forte para uma boca tão pequena... Venha, minha filha. Por enquanto, libero-la dos fardos do poder. Desfrute mais um pouco do

tempo da inocência e deixe-me a mim tomar as difíceis decisões necessárias para manter as nossas cabeças no lugar.

Princesa – Não ignoro que essas decisões são difíceis, mas temo que esteja mal aconselhado... A sua ministra...

Rei – Chega! Deixe-me agora. Tenho uma audiência em breve. E, por enquanto, continuo a ser o rei...

Princesa – Entendido, Sua Majestade...

A princesa sai a contragosto. O rei fica pensativo e aborrecido por um momento, depois sai também. A criada chega e arruma um pouco o quarto. Seu olhar se volta para o trono. Ela olha ao redor para se certificar de que ninguém está vindo, depois senta-se cuidadosamente no trono. Fecha os olhos, cheia de emoção, e não percebe o mordomo se aproximando.

Mordomo – Sua Majestade...?

A criada dá um salto e se levanta rapidamente, antes de reconhecer o mordomo e suspirar aliviada.

Criada – Assustou-me... Pensei que estava condenada...

Mordomo – Se fosse o rei quem a surpreendesse, já estaria condenada.

Criada – Não me diga que nunca lhe ocorreu...

Mordomo – Matar-lo?

Criada – Ver como é sentar-se neste trono.

Mordomo – Não tenho a certeza de que, hoje em dia, sentar-se neste trono seja uma posição mais invejável do que deitar-se na tábua de uma guilhotina. Basta ouvir os clamores da rua para saber que os dias do monarca estão contados.

Criada – A revolução... E depois? O que será de nós?

Mordomo – A monarquia existe apenas há alguns anos e já estamos a questionar como sobreviver a ela. No entanto, é este mesmo monarca que levou o país à ruína.

Criada – É verdade. Muitas vezes, as pessoas preferem a segurança tranquilizadora da escravidão em vez da gloriosa incerteza da liberdade.

Mordomo – Ele matou os seus dois maridos anteriores.

Criada – Por isso me é tão difícil encontrar um terceiro... Você estaria interessado?

Mordomo – Porque continua a servi-lo?

Criada – Como você, suponho. Para estar na primeira fila quando vierem buscá-lo para a guilhotina...

Mordomo – O que, infelizmente, nos levará a procurar outro emprego.

Criada – Não se preocupe demasiado com isso. Rei, ditador ou presidente eleito democraticamente, todos eles precisam de alguém para servi-los à mesa e polir seus centenas de pares de sapatos.

Mordomo – Você é uma idealista, querida.

Criada – Acredite em mim, a verdadeira revolução será quando aqueles que nos governam começarem a limpar a própria sanita...

O mordomo e a criada saem. A princesa volta, acompanhada pelo líder da oposição.

Princesa – Então, quanto?

Líder – Quanto?

Princesa – Não tentaram subornar-lhe?

Líder – Até agora, ofereceram-me um acordo. Eleições livres em troca de imunidade total para eles e todo o grupo no poder.

Princesa – Compreendo...

Líder – Não parece feliz. Era isso que queria, não era? Salvar a cabeça do rei...

Princesa – Não parece típico dele... e não lhes assenta bem.

Líder – Eles estão com medo, é humano. Na verdade, é quase a única coisa que os aproxima dos seres humanos: o medo da morte.

Princesa – Nenhum ditador no mundo alguma vez concordou em ceder o poder ao povo em troca de imunidade judicial, uma pensão de reforma confortável e um bom seguro de saúde.

O líder parece concordar.

Líder – De qualquer forma, são poucos os ditadores que, depois de deixarem o poder, morrem na cama.

Princesa – É um acordo enganador e eles sabem disso muito bem.

Líder – Então, por que o propuseram?

Princesa – É uma armadilha.

Líder – É isso que também penso... Mas, como saber o que estão a tramar?

A princesa olha preocupada para os bastidores.

Princesa – Alguém está a chegar... Não nos devem ver juntos. Vamos esconder-nos aqui...

A princesa leva o líder para trás de uma cortina ou biombo. O rei chega. Ele anda às voltas, pensativo. A ministra chega, acompanhada do general, vestido com um uniforme militar e coberto de condecorações.

Ministra – Sua Majestade, apresento-vos o general encarregado do nosso arsenal de armas não convencionais.

General – Vossa Alteza...

Rei – General. A julgar pelo número de medalhas na lapela do seu casaco, deve ter-se destacado em muitas batalhas.

General – Obrigado, Sua Majestade.

Rei – O que me surpreende um pouco, considerando que o nosso país não experimentou nenhuma guerra em mais de meio século.

General – Há muitas maneiras de servir a pátria, Sua Majestade.

Ministra – O general tem estado a liderar investigações no campo da guerra eletrónica e bacteriológica há vários anos.

Rei – Eletrónica e bacteriológica... Qual é a ligação entre as duas?

General – Vírus, Sua Majestade. Sejam eles informáticos ou biológicos, o objetivo é o mesmo: perturbar o sistema de defesa do inimigo para diminuir as suas capacidades de reação.

Rei – Neste caso, não temos muitos inimigos exteriores.

General – Para um militar, Vossa Alteza, um inimigo continua a ser um inimigo, venha de onde vier...

Rei – Já basta de suspense. Qual é o vosso plano?

Ministra – Os cientistas que trabalham neste programa ultra-secreto conseguiram desenvolver um vírus extremamente contagioso.

Rei – Um vírus?

General – Este vírus estava destinado a ser usado contra países estrangeiros hostis a nós, desencadeando neles uma epidemia fulminante que afetaria a sua população, portanto, a sua economia, e os seus soldados, portanto, as suas capacidades militares...

Rei – Entendo... Uma doença... Uma doença contagiosa...

Ministra – Muito contagiosa. E, como se trata de um vírus novo, ninguém tem ainda uma vacina.

O rei compreende com seriedade as implicações destas declarações.

Rei – Se percebi bem, estão a propor-me infetar o nosso próprio povo?

General – É o plano de último recurso, Sua Majestade. Não há um plano B.

Rei – Ministra, qual é a vossa opinião?

Ministra – As forças da ordem estão sobrecarregadas. A situação em breve será incontrolável.

Rei – E o exército, General?

General – Os soldados são mais relutantes do que os policiais em atirar contra seus próprios cidadãos. Eles foram treinados para fazer a guerra, não para reprimir revoltas. Colocar o exército nas ruas seria arriscar a fraternização.

Ministra – Lamentavelmente, Sua Majestade, não vejo outra solução para evitar que a monarquia seja derrubada nas próximas semanas. E precisamos agir rapidamente, ou será tarde demais.

Rei – Então, passarei para a história como aquele que dizimou seu próprio povo com o único propósito de se manter no poder e escapar da guilhotina...

General – Este vírus não é fatal, Sua Majestade. Pelo menos, não sistematicamente... Apenas enfraquecerá nossos opositores...

Ministra – Claro, ninguém deve saber que se trata de um vírus artificial criado em nossos laboratórios militares, e não de um vírus natural que surge ocasionalmente.

Rei – E vocês acham que essa epidemia lançada contra nosso próprio povo resolverá todos os nossos problemas?

General – O objetivo é menos eliminar nossos opositores mais ativos do que desviar a atenção do povo. Enquanto estiver ocupado combatendo essa epidemia, não pensará em protestar.

Ministra – Como nos tempos das grandes pragas, as pessoas só pensarão em escapar do vírus, um inimigo comum da pátria. Em tempos de crise como esses, não se pensa mais em fazer uma revolução, apenas em salvar a própria vida.

General – E para isso, confia-se no poder estabelecido. É a união nacional.

Rei – E depois?

General – Declararemos estado de emergência e toque de recolher. Isso nos permitirá retomar o controle da situação sob o pretexto de combater a propagação desta epidemia.

Rei – Não pode durar para sempre... Com uma população doente e uma economia agonizante, logo estarei governando apenas sobre um campo de ruínas semeadas de cadáveres...

Ministra – Esse não é o objetivo, é claro... Não permitiremos que a situação piore até esse ponto.

Rei – Então o quê?

General – Esperamos alguns meses e lançamos a vacina.

Ministra – A epidemia será vencida graças à autoridade do Estado, à sabedoria do rei e aos conselhos acertados de seus ministros, respaldados pelo exército e pela polícia.

General – Recuperará sua popularidade. E prenderemos os últimos opositores sob o pretexto de colocá-los em quarentena... Se alguns não sobreviverem, azar para eles.

Ministra – Acredite, Sua Majestade, o bombeiro piromaníaco sempre funciona.

Rei – A menos que descubram que esse vírus é realmente artificial e que o espalhamos voluntariamente.

General – Se necessário, acusaremos esses terroristas de terem espalhado eles mesmos esse vírus... e será outra razão para deixá-los apodrecer em uma cela antes de fuzilá-los.

O rei fica perplexo.

Rei – E se nós mesmos nos contaminarmos?

General – Claro, nossos cientistas já desenvolveram uma vacina eficaz contra essa perigosa doença. Você, e todos os dignitários do regime, serão vacinados mesmo antes de divulgarmos esse vírus.

Ministra – Portanto, temos certeza de poder vacinar a população quando acharmos conveniente.

Silêncio sepulcral.

Rei – É um plano diabólico... que pode funcionar. Mas não estamos brincando de ser aprendizes de feiticeiro?

Ministra – É a única solução que nos resta...

Rei – Quantas vítimas vocês preveem?

General – Não sabemos exatamente, mas não se pode fazer uma omelete sem quebrar ovos.

Rei – Vejo que você também gosta de expressões populares, mas em termos mais refinados, isso se chama crime contra a humanidade.

O rei continua hesitando.

Ministra – Apenas os mais fracos perecerão, Sua Majestade. Aqueles que não são realmente úteis para a sociedade ou que são um fardo para ela. Os outros se recuperarão, mas ninguém ousará se levantar contra um governo que lidou tão bem com a crise.

General – Essa epidemia garantirá a concórdia nacional e a paz social por pelo menos uma década. Você permanecerá na história como o salvador da Nação.

Ministra – As pessoas estarão tão felizes por terem recuperado a saúde. Aceitarão trabalhar o dobro para levar o país adiante. E renunciarão sem reclamar a todos os seus privilégios indevidamente adquiridos.

General – Antigamente, em tempos de crise, costumava-se dizer: o que precisamos é de uma boa guerra. Hoje, digo a você, Sua Majestade: o que precisamos é de uma boa epidemia.

Rei – É uma decisão grave. Devo pensar...

Ministra – Claro, Sua Alteza. Mas lembre-se, o tempo está se esgotando...

A ministra e o general saem. O rei fica pensativo e depois sai também. A princesa e o líder saem de seu esconderijo. Eles parecem abatidos e ficam em silêncio por um momento.

Líder – Eles ficaram loucos...

Princesa – O rei ainda não deu sua aprovação.

Líder – Ele dará. Ele está disposto a fazer qualquer coisa para manter seu trono... É uma questão de vida ou morte para ele. E agora também é para nós.

Princesa – E para nosso povo.

Líder – Chegou a hora de agir.

Princesa – Sim... Mas como podemos parar essa máquina infernal?

O líder reflete.

Líder – Se contarmos essa história, ninguém acreditará em nós. Os jornais serão confiscados. Seremos presos. Ou algo pior...

Princesa – Então é minha vez de agir. Meu pai não terá coragem de me matar.

Líder – Você tem certeza?

Princesa – Não temos escolha.

Líder – O que você está disposta a fazer para evitar esse genocídio no país?

Princesa – Estou disposta a me sacrificar.

Líder – Você poderia matá-lo?

Princesa – Você não pode me pedir isso...

Líder – Brutus matou César para impedir que ele se tornasse rei.

Princesa – Não deu muito certo para ele. Um ditador substituiu outro.

Líder – Então serei eu quem cuidará disso.

Princesa – Se me ama, não faça isso.

Líder – Mesmo que milhões de vidas estejam em jogo?

Princesa – Se você usar os mesmos métodos do tirano, logo se tornará um ditador também. Apenas ocupará o lugar dele. E daqui a alguns anos, outro virá para derrubá-lo.

Enigmático, o líder olha para o tabuleiro de xadrez, se aproxima e move uma peça.

Líder – Isso é um jogo de xadrez. E no tabuleiro político, um dos lados deve prevalecer sobre o outro.

Princesa – Para que no final apenas um rei permaneça. Sem hesitação em sacrificar peões para ganhar o jogo.

Líder – Para que as peças brancas prevaleçam sobre as pretas... O bem contra o mal.

Princesa – Mas o xadrez exclui qualquer noção de moral. As peças brancas e pretas são perfeitamente intercambiáveis. É apenas decidido aleatoriamente no início quem abrirá as hostilidades.

Líder – É o jogo do poder.

Princesa – Um jogo absurdo, pois com a derrota do adversário, o jogo também termina. E o único futuro possível é uma revanche. A menos que mudemos a regra, a guerra continuará.

Líder – Se pouparmos seu pai, será ele quem me matará.

Princesa – Não permitirei que ele faça isso.

Líder – E se você tiver que escolher entre minha vida e a dele?

Princesa – Se eu tiver que escolher entre a vida dele e a de milhões de pessoas, assumirei minhas responsabilidades.

A princesa e o líder saem. A rainha chega acompanhada do mordomo.

Rainha – É absolutamente horrível! As pessoas não respeitam mais nada. Mas como é possível?

Mordomo – Eu não sei, Majestade. Alguns desses terroristas, mais determinados do que outros, conseguiram entrar no palácio. Antes de serem repelidos por nossa equipe de segurança, conseguiram entrar em seus quartos e saqueá-los. Eles foram embora levando tudo o que encontraram no guarda-roupa de Sua Alteza.

Rainha – Todas as compras que fiz em Londres... Sem mencionar meus dois mil pares de sapatos. É muito simples, olha. Estou reduzida a andar descalça!

Mordomo – Vou buscar imediatamente um par de chinelos para Sua Majestade.

O rei chega.

Rei – Deixe-nos, por favor. (*O mordomo sai.*) Você não está ferida, pelo menos? E a princesa também não?

Rainha – Não, mas estou com medo. Essa farsa está se tornando uma tragédia. Como tudo isso vai terminar?

Rei – Se eu fosse o autor desta sinistra comédia, poderia lhe dizer. Infelizmente, sei tanto quanto você. E nem mesmo tenho certeza de que o próprio autor saiba como terminar essa história absurda.

Rainha – Então, o que você vai fazer?

Rei – Tomarei as decisões que forem necessárias, eu prometo, para que a ordem retorne a este país.

A ministra e o general retornam.

Ministra – Sua Majestade. Senhora...

Rei – Pedirei que nos deixe. O dever me chama...

Rainha – Seja firme, querido. Lembre-se do que seu pai sempre dizia em momentos como esse...

Rei – Ah, sim? E o que ele dizia?

Rainha – Neste exato momento, não me lembro... Estou tão abalada por tudo isso... Mas tenho certeza de que era muito apropriado. E sempre devemos seguir os conselhos dos pais. Cavalheiros...

A rainha sai.

Ministra – Não é mais hora de hesitar, Sua Alteza. Como pode ver, a situação está prestes a fugir do nosso controle.

Rei – Seu plano está operacional neste momento?

General – Tudo está pronto, Sua Alteza. Estamos apenas aguardando sua autorização.

Rei – Como planejam espalhar essa doença?

General – É um vírus transmitido pelo ar. Vamos introduzi-lo no sistema de climatização de edifícios públicos, estações de trem, escolas, igrejas, lojas de sexo, clubes de swing...

Ministra – Este vírus é altamente contagioso. O surto se espalhará rapidamente.

Rei – E toda a população será afetada?

General – Esse não é o objetivo. Queremos criar uma psicose. As pessoas estarão dispostas a fazer qualquer concessão para se protegerem. Vão depositar sua confiança no governo e no exército.

Rei – Mas nem todos morrerão, certo?

General – Apenas os mais fracos, como eu disse. Os mais idosos. Aqueles que já estão enfraquecidos por outras condições. Os mais jovens e fortes se recuperarão.

Ministra – No entanto, precisamos manter alguns saudáveis para que possam continuar a trabalhar em nosso enriquecimento.

Rei – Como podemos garantir que o surto permanecerá sob controle?

O general tira um frasco.

General – Com isso, Sua Alteza.

Rei – Isso?

Ministra – É a vacina. Testamos completamente. Está perfeitamente desenvolvida.

Silêncio.

General – Qual é a sua decisão, Sua Majestade?

O rei finge hesitar por um momento a mais.

Rei – Vocês têm minha permissão.

Ministra – É uma decisão séria, Sua Alteza, que envolve a responsabilidade de toda a hierarquia política e militar. Permiti-me redigir uma ordem oficial que lhe peço para assinar... Naturalmente, este documento será mantido em segredo.

Rei – Então, por que deixar um registro escrito?

General – Digamos que... será uma espécie de apólice de seguro para nós. A prova de que não iniciamos esse surto por conta própria, mas sim que foi uma decisão coletiva tomada no topo do Estado, e que o senhor também a assume pessoalmente.

A ministra coloca um documento à frente do rei e lhe entrega uma caneta. O rei os olha a ambos, desconfiado, e depois assina. Em seguida, ele mostra o documento ao público no estilo de Donald Trump. A ministra pega o documento de volta.

Ministra – Muito bem, Sua Majestade. Nós o vacinaremos imediatamente.

Rei – Vocês? Sabem que detesto agulhas e você não é enfermeira...

General – Não se preocupe, Sua Majestade. Iremos administrar a vacina por via anal.

Rei – Desculpe...?

Ministra – Oral... O general quis dizer oral, é claro. Por via oral, Sua Alteza.

O general entrega várias pílulas ao rei em sua mão aberta. O rei recua.

Rei – Vocês não estão tentando me envenenar?

General – Aqui estão três pílulas. Escolha a sua, nós tomaremos as outras duas.

O rei escolhe uma pílula com desconfiança. O general e a ministra pegam cada um uma das outras pílulas e as engolem. Por sua vez, o rei coloca a pílula na língua, mas está tão tenso que se engasga e começa a sufocar. Sob o olhar consternado dos outros dois, ele começa a tossir ruidosamente.

Rei – Água, água...

A ministra pega o sino e o agita. O rei continua tossindo e se engasgando. A empregada chega.

General – Um copo de água, rápido!

Criada – Claro, senhor, imediatamente...

A criada sai, perturbada. O rei continua engasgado. A criada retorna com um copo de água, que oferece ao rei. Ele pega e bebe avidamente, mas ainda está engasgando. A criada posiciona-se atrás dele, coloca as mãos em sua barriga e realiza uma série de pressões, como na manobra de Heimlich, recomendada em caso de engasgamento. Este movimento ambíguo pode evocar uma penetração por trás, deixando os outros presentes perplexos.

Criada – Vi fazer isso na televisão. É o que os médicos recomendam para ajudar alguém que está engasgando...

O rei tosse novamente e começa a recuperar o fôlego.

Ministra – Está se sentindo melhor, Sua Majestade?

Rei – Sim... Estou me sentindo bem... (*Olha agradecido para a criada.*) Obrigado, minha jovem.

General – Você nos assustou...

A criada continua ali, mas ninguém presta atenção nela.

Rei – Espero que isso não seja um mau presságio... Seu vírus supostamente envenenará o povo, e quase me afoguei ao tomar a vacina... Será que realmente vai funcionar?

Ministra – Tenho certeza, Sua Majestade.

General – Amanhã você estará em plena forma e perfeitamente imunizado.

Ministra – Enquanto todos os seus opositores serão atingidos por este vírus.

Rei – Deus nos ouça... ou melhor, o diabo.

O rei sai, apoiado pela criada, que ouviu o final desta conversa.

General – Você tem certeza de que não estamos cometendo uma loucura? Tudo isso para salvar a cabeça desse idiota, que nem consegue engolir um comprimido sem se engasgar.

Ministra – Calma, General. Nós manteremos o controle desta vacina. Ela só será eficaz por um ano, no máximo. Tempo suficiente para o vírus sofrer mutação. Aqueles que quiserem permanecer imunizados terão que passar por nós, e o rei não será mais do que uma marionete em nossas mãos. Se ele não quiser morrer também, terá que fazer o que lhe dissermos.

General – E se as coisas derem errado?

Ministra – Publicaremos este documento... que nem sequer se deu ao trabalho de ler, e que lhe atribui a responsabilidade total por este genocídio.

General – Você é o diabo em pessoa. (*Aproxima-se dela.*) Mas um diabo no corpo de uma sereia. E temo ter sucumbido ao seu canto...

Ministra (sedutora) – Até onde você está disposto a me seguir, General?

O general a abraça.

General – Vou seguir você até o inferno, se for necessário, contanto que haja uma suíte real lá para acomodar nosso amor...

Eles se beijam. Ela se vira para o trono.

Ministra – Amanhã serei eu quem se sentará neste trono. E farei de você meu rei.

General – Pelo menos um rei consorte. Mas lhe entrego a coroa de bom grado, desde que me ceda uma fatia do bolo.

Ministra – Vamos pegar uma boa fatia, prometo.

General – Vou garantir isso... Também tenho documentos que nos unem mais estreitamente do que um contrato de casamento.

Ministra – Vejo que a confiança reina.

General – Não me tome por mais ingênuo do que sou. Mas devo admitir que seu talento persuasivo nos serviu bem para convencer o rei. Que atriz você teria sido! Nunca considerou atuar?

Ministra – Talvez eu não tenha dito minha última palavra...

Eles saem. O rei retorna e se senta diante do jogo de xadrez, pensativo. A princesa chega.

Princesa – A criada me disse que você se engasgou.

Rei – De fato, não tenho certeza se escolhi o caminho certo... e espero que essa decisão não me engasgue.

Princesa – Vim ver se você está bem.

Rei – Estou me sentindo melhor, obrigado.

A princesa vê o jogo de xadrez.

Princesa – Ainda não encontrou um oponente à altura?

Rei – Ninguém quer jogar comigo, não sei por quê...

Princesa – Eles têm medo.

Rei – Medo de perder?

Princesa – Ou medo de ganhar...

Rei – Quer jogar uma partida?

Princesa – Você tem certeza?

Rei – Da última vez que jogamos juntos, você ainda era uma criança.

Princesa – Você sempre ganhava de mim.

Ela se senta diante dele do outro lado do tabuleiro de xadrez. Ele pega um peão em cada mão, coloca as mãos atrás das costas e depois apresenta ambas as mãos fechadas.

Rei – As brancas começam.

Ela aponta para uma das mãos de seu pai, que mostra a palma aberta. Aparece um peão branco.

Princesa – Então, sou eu quem começa.

Ela move uma peça. O rei move outra.

Rei – Por que paramos de jogar juntos?

Princesa – O tempo afasta pais de filhos à medida que crescem.

Rei – Você tinha medo de que eu a vencesse?

Princesa – Ou talvez tivesse medo de ganhar.

Eles movem algumas peças alternadamente.

Rei – Eu não gosto de jogar com as peças negras.

Princesa – No entanto, não há diferença com as brancas.

Rei – O preto me assusta... É a cor da morte... Você se lembra? Quando era criança, você tinha medo do escuro.

Princesa – E você não estava aqui com muita frequência para me acalmar...

Rei – Às vezes, me arrependo disso, acredite. Mas o passado não pode ser mudado.

Ela move uma última peça.

Princesa – E aí está... Xeque-mate.

Rei – O xeque pastor. Eu tinha esquecido.

Princesa – Ou talvez você tenha me deixado ganhar.

Rei – E você me deixou perder...

Princesa – Vai me matar também?

Rei – Você acha que sou capaz disso?

Eles trocam olhares cheios de insinuações. Ela sai. O rei varre com a mão as peças restantes do tabuleiro de xadrez. A ministra chega com o líder da oposição, que olha intrigado para o tabuleiro de xadrez.

Líder – Sua Majestade...

O rei se recupera e se torna extremamente amigável de repente.

Rei – Por favor, sente-se, meu caro amigo.

Líder – Se não se importa, prefiro ficar em pé.

Rei – Gostaria de pelo menos uma bebida?

Líder – Não, obrigado, não estou com sede. E não vim aqui para tomar chá.

O rei tenta fazer uma piada.

Rei – Você não tem medo de ser envenenado, certo?

A ministra lança um olhar reprovador para ele.

Líder – Você pediu para que eu viesse. Estou ouvindo.

Ministra – O rei concorda em realizar eleições livres o mais rápido possível.

Rei – Comprometo-me com isso, e pessoalmente garantirei que a votação ocorra nas melhores condições.

Líder – Isso é muito reconfortante... Tomarei nota e informarei a todos que me escolheram para representá-los.

Rei – Posso concluir, então, que você será candidato?

Líder – O povo precisa de um novo líder.

Ministra – Você assimilou rapidamente nosso vocabulário marcial. Cuidado para não se tornar um ditador também...

Líder – Você tem tanta certeza da minha vitória?

Rei – O povo já decidiu. Quer mudança. Minha única preocupação é permitir uma transição pacífica, evitando derramar desnecessariamente o precioso sangue de nossos cidadãos.

Líder – Essa preocupação o honra, mas chegou tarde. Por anos, você derramou o sangue de seus opositores para se manter no trono. O que o leva a renunciar ao poder hoje?

Rei – Nenhum ditador, por mais sanguinário que seja, pode se manter eternamente no comando do Estado sem o apoio do povo.

Líder – Faremos o possível para que essa transição ocorra de forma pacífica.

Ministra – Incluindo garantir uma saída honrosa para nosso rei e seus seguidores mais leais.

Líder (*irônico*) – Honrosa?

Ministra – Vamos dizer aceitável, então.

Líder – Não nos guia um sentimento de vingança, mas sim uma sede de justiça.

Ministra – Dependendo de quem guia seu braço, a justiça pode facilmente se tornar um instrumento de vingança. Portanto, pedimos que seja mais claro.

Líder – Buscamos o restabelecimento da justiça social. Concordamos com uma anistia geral em relação aos crimes do passado.

Rei – Muito bem. Nesse caso, deixarei que a ministra cuide dos detalhes deste acordo mais adiante e organize a votação. Nos veremos em breve...

O rei sai. A ministra e o líder se encaram.

Líder – Ele parece muito conciliador de repente... Que trama pode estar escondendo isso?

Ministra – O rei envelheceu, isso é tudo. Ele está procurando uma saída. Mas quer proteger seus interesses, é normal.

Líder – E você? Em que jogo está jogando?

Ministra – Talvez xadrez.

Líder – Nesse jogo, todos nós poderíamos perder muito.

Ministra – Poderíamos concordar em evitá-lo.

Líder – Pensei que era isso que acabamos de fazer...

Ministra – É um acordo desigual, você sabe muito bem disso. Se você assumir o poder, não permitirá que a família real e seus seguidores vivam à vontade às custas do contribuinte. O povo pedirá contas. Quer vingança. Eu desconfio do povo...

Líder – O que você está propondo então?

Ministra – Se o país enfrentar uma crise, você poderia participar de um governo de unidade nacional.

Líder – Você tem motivos para acreditar que o país enfrentará uma crise ainda pior do que a que já estamos passando?

Ministra – O momento é turbulento. E o rei é um homem do passado. Vou deixar você pensar nisso...

A ministra sai. A princesa entra.

Princesa – No final, eles parecem se dar bem... O que ela queria?

Líder – Me oferecer um cargo no governo...

Princesa – Ela é a mais astuta do grupo e, portanto, a mais perigosa. Deve-se desconfiar dela.

Líder – O rei tomou sua decisão?

Princesa – Eles iniciaram a operação...

Líder – Como você pode ter tanta certeza disso?

Princesa – Também tenho meus informantes...

Líder – Suspeitei disso... Caso contrário, eles não teriam sido tão complacentes.

Princesa – Parece que você não está preocupado...

Líder – Tenho um plano...

Princesa – Um plano?

Líder – É cedo demais para eu lhe contar.

Princesa – Já não confia em mim?

Líder – Digamos que... não quero a colocar em uma situação desconfortável, mas logo ficará sabendo...

Princesa – Enquanto isso, milhares de pessoas podem morrer.

Líder – Não se meu plano for bem-sucedido... Não fiquemos aqui.

Eles saem. O rei retorna com a criada.

Rei – Você me salvou a vida antes, menina. Por que fez isso? Você não deseja minha morte, como todos neste reino?

Criada – Não pensei nisso, Sua Majestade. Foi um ato reflexo. Quando vemos um cão se afogando, esquecemos por um momento que ele já nos mordeu.

Rei – De qualquer forma, não sou ingrato e saberei lembrar seu gesto...

Criada – Obrigada, Sua Majestade.

Rei – Considero que lhe devo uma vida. É uma dívida de honra.

Criada – Está bem, Sua Majestade.

O rei olha para o tabuleiro de xadrez.

Rei – Uma partida rápida?

Criada – Não sei se...

Rei – É uma ordem.

Criada – Nesse caso...

Rei – Sua jogada. Mas eu jogo com as brancas.

A criada faz sua jogada inicial. O rei move outra peça, e assim por diante. O rei captura várias peças consecutivamente.

Criada – Seus cavalos estão em boa forma, Sua Majestade... Eles saltam muito mais longe do que os meus...

Rei – Você está insinuando que estou trapaceando?

Criada – De maneira alguma, Sua Majestade!

Rei – É a sua vez.

Ela move uma torre, que o rei captura.

Criada – Eu perdi minha segunda torre.

Rei – Concentre-se, menina. Veja, também capturei sua rainha.

Criada – Sua Alteza joga muito bem para mim. Será melhor que eu desista...

Rei – Não. Devemos continuar até o fim. Você ainda tem um bispo além do seu rei.

Criada – Está bem, vou prestar mais atenção.

O rei também captura o último bispo.

Rei – Enquanto você tiver um peão, ainda não está tudo perdido.

Criada – Isso é verdade...

Rei – E aqui está, eu também capturei seu peão.

Criada – Desta vez, meu rei está sozinho e sem defesa.

Rei – Mas ainda não está em xeque-mate!

Criada – Não tenho mais nenhuma chance de ganhar.

Rei – Não... Mas devemos continuar até o fim... Não privar o vencedor do prazer deste sacrifício. Imagine que em uma tourada, eles parem a tourada assim que o touro derrama a primeira gota de sangue...

Criada – Muito bem... então continuemos.

Rei – E aqui está. Desta vez, acabou. Xeque-mate.

Criada – Sua Alteza realmente joga muito bem para mim. Seria melhor encontrar um oponente à sua altura.

Rei – A maneira mais segura de não ser derrotado, menina, é desencorajar todos os seus oponentes para que não o enfrentem...

Criada – E se, apesar de tudo, eles ousarem desafiá-lo...?

Rei – Nesse caso, só há uma solução.

Criada – Ficaria curiosa para saber qual é.

Rei – Se alguém rouba sua vitória de surpresa, você muda a regra do jogo depois para desqualificá-lo.

O rei sai. A criada guarda o jogo. O mordomo chega.

Mordomo – Ah, você também teve uma partida de xadrez...

Criada – Sim...

Mordomo – Não é fácil jogar contra um verdadeiro rei, não é?

Criada – Não, de fato... Porque ele está jogando a própria vida. Mas ele joga tão mal... mesmo trapaceando. Cheguei a pensar que nunca conseguiria deixá-lo vencer...

Preto.

ATO 3

Assim como no início do primeiro ato, o rei está sentado em seu trono lendo o jornal, que desta vez destaca a epidemia: o contágio está se espalhando, os hospitais estão sobrecarregados, há escassez de papel higiênico. A criada chega, usando uma máscara. Na mesa baixa, vemos os restos de um café da manhã em uma bandeja.

Criada – Posso retirar o café da manhã de Vossa Alteza?

Rei – Por favor, menina...

A criada pega a bandeja.

Criada – Vejo que Vossa Alteza recuperou o apetite.

Rei – Perdão?

Criada (*mais alto*) – Seu café da manhã continental! Vossa Alteza comeu tudo...

Rei – Já estou um pouco surdo, e com essas máscaras... Deveríamos considerar fazer um buraco para a boca, porque mal entendo você.

Criada – Estou apenas seguindo as medidas de saúde, Vossa Alteza. Para evitar que essa terrível doença que assola o país se espalhe também no palácio.

Rei – Ah, sim... A doença, claro...

Criada – De qualquer forma, estou feliz em ver que Vossa Alteza está perfeitamente saudável.

Rei – É verdade. Há algum tempo eu estava pensando em enforcar-me, mas essa epidemia levantou o meu ânimo...

Criada – Como dizem, a desgraça de uns...

O mordomo chega, também usando uma máscara.

Mordomo – Sua Majestade, a Ministra está aqui com o General e deseja vê-lo, se Sua Majestade estiver disponível.

Rei – Que eles entrem... Mas tente articular, você também. E fazer frases mais curtas. Porque com essas malditas máscaras...

Mordomo – Muito bem, Sua Majestade.

A ministra e o general entram. O mordomo e a criada saem.

Ministra – Bom dia, Majestade. Leu os jornais?

Rei – Sim... (*Com um grande sorriso*) É uma verdadeira tragédia...

Ministra – A doença está se espalhando... É o pânico... As pessoas estão encolhidas em suas casas com medo de pegá-la...

Rei – Pelo menos não estão sob as minhas janelas gritando que gostariam de me ver enforcado.

General – Não há mais risco desse lado, Alteza. Tomamos medidas drásticas imediatamente para combater a epidemia. Foi decretada a lei marcial, e toda a população está confinada em suas casas.

Rei – Vocês acham que isso será suficiente para melhorar nossa imagem?

Ministra – É um começo. Mas de acordo com uma pesquisa inicial, sua taxa de popularidade subiu vinte pontos após o seu discurso.

Rei – Sim, acho que fui bastante bom, não é?

Ministra – Adorei quando disse "estamos em guerra contra um inimigo invisível".

Rei – Você foi quem escreveu esse discurso.

Ministra – Ah sim, é verdade...

Rei – Bem... E agora, o que fazemos?

General – Esperamos alguns dias e cancelamos as eleições que estavam programadas, invocando esse contexto sanitário excepcional.

Rei – E a vacina?

Ministra – Esperaremos um pouco antes de anunciar sua descoberta por nossos laboratórios. Tem que parecer crível.

General – Quanto mais esperarmos, mais medo as pessoas terão por suas vidas. E mais agradecidas estarão por encontrarmos a cura para essa terrível epidemia.

Rei – Por enquanto, de acordo com o jornal, eles têm mais medo de ficar sem papel higiênico...

Ministra – A doença começa com diarreia, de fato.

Rei – Diarreia? E acham que isso será suficiente para criar pânico?

General – De acordo com nossos especialistas, deveria haver alguns casos graves. Suficientes para sobrecarregar os hospitais e desencadear uma psicose coletiva.

Rei – E estão certos de que a vacina é eficaz?

General – Cem por cento.

Rei – E minha esposa? E minha filha?

Ministra – Não se preocupe, as fizemos tomar a vacina sem que elas soubessem.

Rei – Muito bem. Na verdade, prefiro que elas não saibam de nada. Especialmente minha filha... Não tenho certeza de que ela aprove minha decisão... Você também é mãe, sabe como os jovens são nessa idade. Cheios de ilusões.

Ministra – Não tenho filhos, Alteza.

Rei – Você tem muita sorte. E você, General?

General – Ainda não, Majestade.

Rei – Ainda não...? Mas quantos anos você tem?

A ministra considera apropriado voltar ao essencial.

Ministra – Convoquei o líder da oposição, Alteza, para concordar com ele com um cessar-fogo e adiar as eleições. Ele estará aqui em breve.

Rei – Perfeito... Vocês acham que podemos convencê-lo a ficar ao nosso favor? Em troca de uma grande transferência para uma conta em paraíso fiscal e um cargo ministerial em um governo de unidade nacional.

Ministra – Não tenho certeza, Alteza... Eu o abordei discretamente sobre esse assunto, mas... ele é um purista, infelizmente... Um ideólogo...

General – E um esquerdista perigoso...

Rei – Poderíamos fazê-lo entender que é isso ou prisão. Até mesmo ideólogos são capazes de entender isso, não é?

Ministra – Não sei, Majestade. Além disso...

Rei – E além disso o quê?

Ministra – Sua Alteza realmente não está ciente...

Rei – Ciente do quê?

Ministra – Ele é amante da princesa, Majestade.

Rei – Amante de quem?

Ministra – De sua filha.

Rei – Amante da minha filha? Isso não pode ser...

Ministra – Sim, Majestade, temo que seja...

Rei – Como você sabe disso? Você sabia disso, General?

General – Todo mundo sabe, Majestade.

Rei – Todo mundo, exceto eu...

General – São coisas que os pais nem sempre querem ver.

O rei compreende todas as implicações dessa notícia.

Rei – E se eu mandá-lo fuzilar?

General – Sua filha pode ficar zangada com você por um tempo, mas...

Rei – Claro, não posso desapontar a princesa...

Ministra – É um assunto delicado que requer habilidade...

Rei – Tem razão... E se os casássemos?

Ministra – Casá-los? E para quê?

Rei – Para neutralizá-los ambos! Ele perderia toda a credibilidade perante a oposição e ela... como pode continuar conspirando contra um pai que lhe concede a mão do homem que ama, quando ele é seu pior inimigo?

General – Claro, visto assim...

Rei – Um casamento entre a filha do rei e o líder da oposição é até melhor do que um governo de unidade nacional, não acham?

Ministra – De qualquer forma, convoquei-o ao palácio para expor a situação e acordar juntos as medidas a tomar...

Rei – Claro, claro... A mãe dela também está a par?

Ministra – A mãe dela...?

Rei – A rainha! Minha esposa! A mãe da princesa! Ela está a par deste caso?

Ministra – Acho que deve suspeitar, mas...

Rei – Ah, aqui vem ela...

Ministra – Até logo, Majestade.

General – Sua Alteza...

A rainha chega. A ministra e o general saem.

Rainha – Mas que teatro é este? O mordomo e a criada agora usam máscaras! Será que nos tornamos os desafortunados protagonistas de uma Commedia dell'Arte?

Rei – É uma epidemia, querida. Uma epidemia terrível. Se eles usam máscaras, é para não a contagiar.

Rainha – E nós? Nós não usamos máscaras?

Rei – Não se preocupe, estamos vacinados...

Rainha – Sério?

Rei – Peço desculpa, quero dizer que... estamos seguros aqui, no palácio. Enquanto os empregados estão em contato com o exterior. Portanto, é suficiente que eles usem máscaras para que não nos atirem saliva no rosto, como alguns atores na primeira fila.

Rainha – E isso é tudo o que planeiam fazer para combater esta praga? Colocar focinheiras no mordomo e na criada para evitar que babem?

Rei – Por enquanto, não podemos fazer mais nada... Ficamos confinados no palácio, esperando que nossos pesquisadores encontrem uma vacina para esta doença horrível. Eles estão trabalhando nisso dia e noite, lhe asseguro...

Rainha – Confinados! Mas é terrível! Tinha planos de ir ao cabeleireiro. Já faz pelo menos três dias que não vou. Olhe para isso, estou com o cabelo todo despenteado...

Rei – Receio que tenha que esperar um pouco mais. Mas diga-me, querida... sabia que a nossa princesa está envolvida com o líder da oposição?

Rainha – Refere-se a esse jovem bonito que vi ontem no palácio?

Rei – Então, estava a par...

Rainha – As mães pressentem essas coisas, sabe...

Rei – E se os casássemos? Um casamento real, nada melhor para restaurar a reputação de uma monarquia falida, não acha?

Rainha – Um casamento principesco? No meio de uma epidemia! Não está a pensar nisso a sério.

Rei – Tem razão, esqueci... Na verdade, começo a questionar se esta epidemia foi uma boa ideia... Quando tudo poderia ter sido resolvido com um casamento, como nos contos de fadas...

Rainha – Uma ideia? O que quer dizer com uma ideia...?

Rei – Peço desculpa, queria dizer... Sim, tem razão, seria bom esperar até que esta epidemia esteja sob controlo para celebrar o casamento, claro... Aliás, proibimos todos os casamentos e funerais até novo aviso para evitar a propagação.

Rainha – Também funerais? Meu Deus, em que época vivemos... Os frigoríficos de todas essas pessoas pobres já estavam vazios, agora eles vão encher os da morgue enquanto esperam a permissão para serem enterrados. Bem, deixo-lo... Não sei o que se passa comigo... Acho que tenho um pouco de dor de estômago... Com todas estas emoções...

Rei – Claro... (*Pensativo, para si mesmo*) Pensei que ela também estivesse vacinada...

Rainha – Não lhe dou um beijo...

Rei – Não, de facto, é mais prudente.

A rainha sai. O mordomo regressa, ainda com máscara.

Mordomo – Sua Alteza, a Ministra está aqui com... um cavalheiro e desejam ver Sua Majestade, se Sua Majestade estiver visível para visitas.

Rei – Visível? Que tipo de fala é essa? Eu pedi a todos os empregados que estão usando máscaras para fazerem frases curtas para serem bem compreendidos.

Mordomo – Peço desculpa, Sua Majestade.

Rei – Visível! É óbvio que estou visível! Vê-me?

Mordomo – Sim, Sua Alteza.

Rei – Então, não sou o homem invisível!

Mordomo – Não, Sua Alteza.

Rei – Falando em ver e não ver, meu bom homem, você sabia que minha filha tinha um relacionamento com... este cavalheiro, como você disse?

Mordomo – Sua Majestade, a minha função leva-me a ver muitas coisas, sem necessariamente poder dizer que as vi, a ouvir muitas coisas, sem necessariamente poder dizer que as ouvi, e a saber muitas coisas, sem necessariamente poder dizer que as sei.

Rei – Felizmente, pedi-lhe para fazer frases curtas... Bem, faça com que eles entrem...

Mordomo – Muito bem, Sua Majestade.

O mordomo sai. A ministra regressa com o líder. O rei mostra-se surpreendentemente amigável.

Rei – Bom dia, senhor, seja bem-vindo ao nosso modesto palácio.

Líder – Obrigado...

Rei – Mas é perfeitamente normal. Está em casa aqui, porque este palácio é, acima de tudo, o palácio do povo, não é, senhora ministra?

Ministra – Eh... Sim, de certa forma.

Rei – Senhor, estou a ouvir...

Líder – Desculpe... Sim...?

Rei – Queria perguntar-me alguma coisa, talvez?

Momento de hesitação.

Ministra – Não, Sua Majestade, nós é que quisemos ver o senhor para...

Rei – Ah, sim, é verdade... Então... Dadas as novas provas com que nos deparamos hoje, eu...

A ministra prefere tomar a iniciativa.

Ministra – Como sabe, o nosso país atravessa atualmente uma crise sem precedentes.

Rei – Estamos em guerra... contra um inimigo invisível.

Líder – Não exagerem demasiado...

Rei – De qualquer forma, compreenderão facilmente que já não é momento para eleições livres, como eu pessoalmente me tinha comprometido.

Ministra – O momento é mais de união sagrada atrás do nosso soberano e dos valentes combatentes do nosso sistema de saúde.

Rei – Sem mencionar os funcionários da limpeza... Porque com esta onda de diarreia, as fossas sépticas e os esgotos estão a transbordar.

Ministra – Enfrentamos até uma escassez de papel higiénico, que costumávamos importar do estrangeiro e que agora nos falta cruelmente, agora que as fronteiras estão fechadas.

Rei – Resumindo, estamos na merda.

Ministra – Se neste caso podemos falar de forma literal.

Rei – Infelizmente, parafraseando um grande estadista, só posso prometer-vos sangue, lágrimas... e, acima de tudo, merda. Muita merda.

Ministra – Por enquanto, todos estão confinados em suas casas...

Rei – Eu diria até que todos os habitantes deste país estão convidados a permanecer no trono nas suas casas de banho. O que, de certa forma, iguala todos esses idiotas aos reis e aos seus ministros... Mas também corre o risco de desencadear um novo tipo de transbordamento, que nos esforçaremos por conter na medida do possível...

Ministra – Por isso propomos adiar estas eleições. E queremos conhecer a vossa posição sobre este assunto. Podemos contar com o vosso apoio?

Um momento.

Líder – Estou plenamente consciente da gravidade desta crise sem precedentes. E não me oponho a adiar as eleições.

Rei – Obrigado. Sabia que podia contar com o vosso sentido de responsabilidade e de Estado.

Líder – O que planeiam fazer para combater esta epidemia e vencê-la?

Ministra – Os nossos investigadores estão a trabalhar arduamente para encontrar uma vacina. Como líder da oposição, é claro, manteremos-vos informado hora após hora sobre a evolução da situação.

Líder – Muito bem. Estou à vossa disposição. Se puder fazer algo pelo meu país...

Rei – Não esperava menos de vós, meu caro amigo... Como dizia outro grande estadista cujo nome também esqueci, não perguntem o que podeis fazer pelo vosso país, perguntem o que pode o vosso país fazer por vós.

Ministra – Com todo o respeito, acho que é mais ao contrário, Sua Majestade.

Rei – Claro... Caro senhor, se tiver algo mais para me pedir, como a mão da minha filha, por exemplo, este é o momento.

Líder – Eu... Eu pensarei nisso, prometo...

O líder sai.

Rei – Jovem encantador...

Ministra – De qualquer forma, vê, o nosso plano funciona na perfeição.

Rei – Esperava que aproveitasse a oportunidade para pedir a mão da princesa... Fiz o meu melhor para oferecer discretamente essa oportunidade, mas ele não quis aproveitá-la.

Ministra – Sim, de fato, muito discretamente... E... você se importa tanto com esse casamento?

Rei – Seria um seguro de vida! É muito mais difícil executar um ditador quando ele é seu sogro. Embora muitos genros sonhem em executar suas sogras...

Eles saem. A princesa volta com o líder.

Princesa – Então você desiste das eleições! Está caindo na armadilha deles!

Líder – É apenas uma estratégia para ganhar tempo. De qualquer forma, é impossível mobilizar o povo neste momento. Eles têm muito medo por sua saúde e se jogam nos braços do tirano que queriam derrubar apenas uma semana atrás. Sinto muito por lhe dizer isso, querida, mas as pessoas são estúpidas...

Princesa – As pessoas? Estamos falando do povo! Esse povo pelo qual lutamos!

Líder – Mas o povo é composto por pessoas! E as pessoas são estúpidas...

Princesa – Talvez, mas essas pessoas estúpidas podem morrer aos milhões antes que esses loucos furiosos que nos governam decidam disponibilizar uma vacina.

Líder – Fique tranquila, ninguém vai morrer. Pelo menos não imediatamente.

Princesa – Como você pode ter tanta certeza?

Líder – Garanti que, em vez desse vírus perigoso, uma versão inofensiva se espalhasse entre a população.

Princesa – Como você conseguiu esse milagre? Agora está transformando água em vinho? E você sabe como fazer um vírus mutar e se tornar benigno?

Líder – Entrei em contato com os cientistas do laboratório que estão trabalhando neste programa de pesquisa. Felizmente, temos simpatizantes em todos os lugares. Eles sabem que os ventos estão mudando e não querem correr o risco de serem associados a uma tentativa de genocídio.

Princesa – Uma versão inofensiva? Você tem certeza?

Líder – Foi o que me garantiram...

Princesa – No entanto, as pessoas estão doentes.

Líder – É apenas um surto de doença do viajante. Tínhamos que manter alguma credibilidade para não levantar suspeitas das autoridades.

Princesa – E agora, o que fazemos?

Líder – Esperamos que as pessoas se recuperem da diarreia, percebam que essa doença não é grave e mobilizemos novamente a população para derrubar o tirano.

Princesa – Esperamos que tudo corra como o planejado... Enquanto isso, mantenhamos nosso relacionamento discreto. Meu pai deve continuar ignorando nossa relação.

Líder – Fico pensando se ele não suspeita de algo, pelo menos um pouco...

Princesa – O que lhe faz pensar isso?

Líder – Não sei... Uma intuição... Agora eu preciso ir...

Princesa – Tenha cuidado...

Eles se beijam. Ele sai. A criada chega.

Princesa – Então, você conseguiu descobrir mais alguma coisa?

Criada – Acho que o seu pai está a par.

Princesa – A par?

Criada – Sobre você e...

Princesa – Meu Deus... Como ele descobriu?

Criada – A ministra está a par de tudo através do mordomo.

Princesa – E como meu pai reagiu?

Criada – Curiosamente, parece não se opor a essa união.

O mordomo chega com uma expressão conspiratória, interrompendo a conversa. Ele finge arrumar um pouco o quarto, mas parece estar espionando.

Princesa (para a criada) – Acompanhe-me aos meus aposentos, por favor... Aqui, as paredes têm ouvidos...

A princesa sai com a criada, sob o olhar suspeito do mordomo. Ele volta a posicionar as peças do jogo de xadrez. O rei retorna.

Mordomo – Aproveitava a ausência de Sua Majestade para arrumar um pouco...

Rei – No final, fazemos um trabalho semelhante, você e eu.

Mordomo – Perdão...

Rei – Eu também tento colocar um pouco de ordem neste país.

Mordomo – Claro, Sua Alteza.

Rei – Às vezes me pergunto se não preferiria estar em seu lugar. (*O mordomo o olha surpreso, mas não se atreve a replicar.*) E você, valente homem... O que acha de ser rei?

Mordomo – Bem, Sua Alteza...

O rei aponta para o trono.

Rei – Vamos lá, sente-se ali.

Mordomo – Mas, Majestade...

Rei – É uma ordem. (*Com relutância, o mordomo senta-se no trono.*) Então, quais são as suas impressões?

Mordomo – Meu Deus... Não é muito acolchoado.

Rei – Exatamente! Você achava que era um assento confortável? Pois não é! Você acaba com dor na bunda neste trono, não vê?

Mordomo – Provavelmente seria melhor com uma almofada pequena.

Rei – Gostaria que eu trouxesse uma para aliviar sua bunda, Majestade?

Mordomo – Bem... Se não for abusar...

O rei pega uma almofada. O mordomo se levanta um pouco e o rei desliza a almofada sob suas nádegas.

Rei – Está melhor assim?

Mordomo – Está perfeito.

Rei – Agora que Sua Majestade está confortavelmente acomodada... como pretende colocar um pouco de ordem neste país?

Mordomo – Realmente quer minha opinião?

Rei – Por favor, Sua Alteza.

Mordomo – Acredito que devemos começar executando a criada.

Rei – Sério? E por quê?

Mordomo – Porque ela é uma espiã!

Rei – E para quem ela trabalha?

Mordomo – Ela trabalha para a princesa, que, como Sua Alteza sabe, não mantém segredos para o líder da oposição, já que ele é seu amante.

Rei – Entendo... E sobre o mordomo, Sua Alteza tem alguma informação? Ele também não é um espião?

Mordomo – Ele também é um espião, de fato.

Rei – E para quem ele trabalha?

Mordomo – Não me diga que você não sabe.

Rei – Eu não sei.

Mordomo – Ele trabalha para a ministra, que, por sua vez, não mantém segredos para o general, seu amante, e ambos estão conspirando secretamente contra o rei.

Rei – Então, na sua opinião, deveríamos executar o mordomo, a criada, a ministra, o general, minha filha e o líder da oposição...

Mordomo – Exatamente.

Rei – E a rainha?

Mordomo – Também a rainha, claro.

Rei – Ela também conspira contra o rei?

Mordomo – Não... Ela é muito idiota para isso...

Rei – Então, por que executá-la?

Mordomo – Acredito que seria um alívio para todos, não acha?

Rei – Obrigado pelos seus conselhos, Sua Majestade... (*Mudando completamente de atitude*) E agora, vá embora antes que eu seja eu quem o estrangule com minhas próprias mãos.

O mordomo volta à realidade e se levanta cuidadosamente do trono para sair.

Mordomo – Sua Majestade deseja mais alguma coisa?

Rei – Vá pendurar...

O mordomo sai. O rei fica na frente do tabuleiro de xadrez e começa a jogar uma partida contra si mesmo.

Rei – Ninguém se atreve a enfrentar-me... Sou forçado a jogar sozinho... (*Move uma peça, depois vai para o outro lado do tabuleiro para mover outra, e assim por diante.*) E aí está! (*Triunfante*) Xeque-mate! O problema de jogar contra si mesmo é que no final nunca se sabe quem realmente ganhou...

A ministra e o general chegam.

Ministra – Tenho uma boa e uma má notícia, Sua Majestade.

Rei – Pode poupar-me dessas fórmulas gastas? Enfim! Nenhum dramaturgo se atreve a escrever diálogos assim nos dias de hoje.

Ministra – Desculpe, Sua Majestade. Era para criar um pouco de suspense...

Rei – Bem... Comece pela má.

Ministra – As coisas não estão indo exatamente como planejado.

Rei – Curiosamente, isso não me surpreende... Seu plano era tão medíocre. O que está errado?

General – Parece que o vírus sofreu uma mutação.

Rei – E isso é uma má notícia?

General – Significa que a vacina que desenvolvemos e que foi administrada não é eficaz contra essa nova forma de vírus...

Rei – Bravo... E qual é a boa notícia?

General – O novo vírus é muito mais benigno do que o anterior. As pessoas não morrem. Apenas têm alguns problemas intestinais.

Rei – E isso é uma boa notícia?

Ministra – Ninguém vai morrer, mas os efeitos psicológicos desta doença ainda são positivos para Sua Majestade e para o governo. As pessoas ainda confiam em nós para acabar com esta epidemia de diarreia do viajante, que ainda é muito incômoda.

Rei – Estão dispostos a aclamar um ditador apenas para que os proteja de uma simples diarreia?

Ministra – As pessoas são paranóicas, o que mais podemos fazer? Quanto mais lhes dissermos que esta doença é benigna, mais pensarão que estamos a esconder algo mais grave...

Rei – Isto começa a complicar um pouco...

Ministra – De qualquer forma, claro, teremos de encontrar rapidamente uma nova vacina.

Rei – Uma nova vacina?

Ministra – Como disse, dado que se trata de um novo vírus, a vacina anterior já não é eficaz.

Rei – Então corremos o risco de ficar infetados também? A rainha já está afetada, e eu mesmo tenho alguma indisposição estomacal...

General – Os nossos investigadores estão a trabalhar nisso. Entretanto, teremos de ter muito cuidado...

Rei – Vou mandá-los executar.

General – Mas, então, não terá nenhuma hipótese de encontrar uma vacina.

Rei – Está bem, então vou mandá-los executar quando encontrarem uma vacina.

Ministra – Ainda não está tudo perdido, Sua Majestade, asseguro-lhe... Escute! As manifestações voltaram às ruas.

Rei – E acha que isso é motivo de alegria?

Ministra – Escute melhor os seus gritos, Sua Alteza! "Vida longa ao nosso amado rei!" "Que Deus e o nosso soberano nos protejam!" "Papel, por favor!"

Rei – Sim, tem razão... É um triunfo! Vou fazer uma aparição na varanda...

General – Tem a certeza disso?

O rei sai.

Ministra – Mas o que eles fizeram, droga!

General – Não percebo... Isto não era o que estava planeado...

Ministra – E agora o rei acredita ser o papa. Vai aparecer na varanda para uma bênção urbi et orbi. Vamos ver o que ele está a fazer...

General – Tem razão, é melhor vigiá-lo. Se ainda por cima lhe ocorrer fazer milagres...

Saem. A princesa e o líder regressam.

Princesa – É incrível. O efeito secundário deste vírus parece transformar todos os súbditos do rei em escravos consentidos.

Líder – Infelizmente, é uma síndrome bem conhecida dos psicólogos.

Princesa – Sério?

Líder – Síndrome de Estocolmo. Foram mantidos em cativeiro nas suas casas e chegaram a amar os seus carcereiros.

Princesa – Já vejo... As pessoas tiveram tanto medo que estão dispostas a acreditar em qualquer coisa e em qualquer pessoa. E isso torna-as tolas, sem nenhum pensamento crítico...

Líder – Huxley dizia: "A ditadura perfeita seria aquela que tem as aparências da democracia, uma prisão sem muros em que os prisioneiros não sonham em escapar. Um sistema de escravidão em que, graças ao consumo e ao entretenimento, os escravos amariam a sua servidão."

Princesa – De facto, é até pior do que uma ditadura militar.

Líder – Porque é muito mais eficaz...

Princesa – Estamos realmente em maus lençóis...

Líder – Bem, de certa forma... eleitores crédulos e cidadãos dóceis, é o que todo político sonha, certo?

Princesa – Nem pense sequer. Se é para se tornar num outro ditador, recuso-me a ser sua esposa...

Líder – Claro, querida... estava a brincar, obviamente.

A ministra volta com o rei.

Ministra – Talvez não devesse ter-se misturado com a multidão, Sua Majestade. Lembro-lhe que já não está protegido pela vacina e esta doença é altamente contagiosa...

Rei – Há tanto tempo que não era aclamado com tanta devoção... Devia ter visto, Princesa. Uma verdadeira ovação!

Princesa – Preciso de falar com você, pai.

Rei – Ouve, minha filha. Além disso, devemos sempre ouvir os nossos filhos...

Princesa – Talvez ainda estejamos a tempo de parar tudo isto.

Rei – Tem razão, minha filha. Não serei como esses pugilistas velhos que têm uma luta a mais. Nem como esses cantores agonizantes que nunca terminam o seu regresso depois de anunciarem o seu adeus ao palco. Prefiro sair no auge da minha glória. É por isso que decidi abdicar em seu favor.

A princesa, surpreendida, fica sem palavras.

Ministra – Não lhe dê ouvidos, princesa, o rei foi claramente contaminado pela locoura dessa multidão enlouquecida.

Rei – Silêncio! Além disso, está despedida.

General – Mas, Majestade...

Rei – Também você, General.

Ministra – Peço a Vossa Alteza que reflita antes de...

Rei – Já refleti. Inclinem-se ambos diante da vossa nova rainha.

A ministra e o general hesitam por um momento antes de considerarem mais prudente se curvar.

Ministra – Sua Majestade.

General – Sua Alteza.

Ministra – Daqui em diante, nos dedicaremos a servi-la com a mesma lealdade com que servimos ao seu pai.

Princesa – Isso é reconfortante, de fato. Pai, também tenho o direito de escolher meu rei?

Rei – Claro... Agora você é a rainha.

Líder – Nesse caso, é meu dever pedir a mão de sua filha.

Rei – Concedo com prazer.

Princesa – Foi tão simples assim?

Rei – Eu só quero a felicidade da minha filha... e do meu povo. Vamos, anunciaremos a notícia para sua mãe... Siga-nos, jovem. Agora, é um pouco meu filho...

O rei, a princesa e o líder saem. A ministra e o general ficam atônitos por um momento.

Ministra – Acho que a situação está escapando do nosso controle...

General – Nunca acreditei nessa história de epidemia.

Ministra – Não tem vergonha! Foi ideia sua!

General – E agora, o que faremos?

Ministra – Não sei... Sempre tive vontade de fazer teatro... Talvez seja a hora certa de mudar de vida.

General – A hora certa? Todos os teatros estão fechados devido à epidemia!

Ministra – Atuaremos ao ar livre! Como Molière em seus primórdios. Faremos uma turnê! Apresentaremos em vilas em palcos improvisados!

General – Nós?

Ministra – Disse que poderia seguir-me até o inferno.

General – De á a me tornar um saltimbanco... E além disso, você nunca fiz teatro, e eu também não!

Ministra – Acredita em mim, General, quando alguém faz política, já é ator.

General – Afinal, tem razão.

Ministra – General, quando os políticos são apenas atores, é urgente que os atores façam política.

Cena escura.

Epílogo

A princesa, agora rainha, está sentada no trono com uma coroa na cabeça. Ela lê o jornal que destaca sua próxima coroação e as eleições em curso: o rei abdica em favor de sua filha, finalmente eleições livres. Ela toca nervosamente a campainha. O mordomo chega.

Mordomo – Sua Majestade, em que posso ajudar?

Rainha – Esta espera está realmente insuportável. Temos notícias das eleições?

Mordomo – Ainda não, Alteza. Os resultados finais serão anunciados às oito em ponto.

Rainha – Muito bem... E o senhor... Ele voltou ao palácio?

Mordomo – Ainda não, Alteza.

Rainha – Muito bem... Avise-me assim que houver novidades.

Mordomo – Certamente, sua Majestade.

O mordomo se retira. Ela joga nervosamente o jornal sobre a mesa e olha o tabuleiro de xadrez por um momento.

Rainha – O jogo continua...

O líder da oposição chega. Ele tem uma postura muito cerimonial.

Líder – Bom dia, sua Majestade.

Rainha (*impacientemente*) – Ah, finalmente! Então, qual é a notícia?

Ele beija sua mão.

Líder (*mantendo o suspense*) – Que notícia, Alteza?

Rainha – Não me faça esperar mais... Qual é o resultado das eleições?

Líder (*com uma expressão sombria*) – A contagem ainda não está completamente terminada, mas... (*Com um sorriso amplo*) Fui eleito com uma grande maioria!

Ela se levanta do trono e o beija.

Rainha – Parabéns! Isso é maravilhoso! Para nós... Para o país... Temos que comemorar!

Ela pega a campainha, mas ele para seu movimento.

Líder – Espere... Sempre sonhei em fazer isso... Posso?

Rainha – Claro. Veja, é um pouco como uma lâmpada mágica. Um gênio aparece e você pode pedir o que quiser. Mas cuidado, é viciante. Uma vez que você começa, não pode parar.

O líder pega a campainha e a sacode. O mordomo chega.

Mordomo – Sua Alteza fez soar...

Rainha – Traga champanhe, por favor. Vamos brindar à nossa vitória!

Mordomo – Imediatamente, sua Majestade.

Rainha – Então, meu amigo, você também deve estar feliz, não é mesmo? Esta vitória é do povo, portanto, também é sua.

Mordomo – Certamente, Alteza... Parabéns, senhor.

Líder – Obrigado, meu querido.

O mordomo se retira.

Líder – Talvez deveríamos tê-lo convidado para brindar conosco...

Rainha – Ah, sim, é verdade, não tinha pensado nisso...

Líder – Bem, ao mesmo tempo... poderia deixá-lo desconfortável.

Rainha – Sim, com certeza...

Líder – De qualquer forma, ainda é a vitória do povo...

Rainha – Claro... (*Sorrisos um pouco desconfortáveis*) Então, vou ter que nomear você como Primeiro-Ministro.

Ele a beija.

Líder – Mas você continuará sendo minha rainha, para sempre.

Rainha – Não me vejo como a rainha da Inglaterra. Talvez devamos considerar abolir a monarquia um dia.

Líder – Ao mesmo tempo, por que apressar as coisas? O povo parece ter se acostumado à realeza. E estão ansiosos pelo nosso casamento.

Rainha – Você está certo. Reabrimos os escritórios e as fábricas, mas todos os teatros ainda estão fechados. Um casamento real os distrairá um pouco. E a epidemia?

Líder – Nossos médicos finalmente conseguiram controlá-la. Mas ainda não encontraram a cura para esses problemas intestinais que, embora leves, continuam sendo muito incômodos...

Rainha – Nossas fronteiras estão fechadas para evitar a contaminação. Não vem mais nenhum turista de férias para o nosso país, e nenhum de nossos cidadãos pode viajar para o exterior nas férias.

Líder – Por que ir para o outro lado do mundo em países exóticos quando você pode ter diarreia do viajante sem sair de casa?

Princesa – Esperemos que o seu governo encontre uma solução rápida para restaurar a normalidade no que diz respeito ao trânsito internacional e intestinal.

Líder – Já que mencionou a composição do novo governo... o que fazemos com a ministra e o general?

Princesa – Meu pai exigia as suas cabeças, mas comutei a pena deles para o exílio... Eles estão proibidos de entrar na capital. Estão a fazer uma digressão pelas províncias.

Líder – Uma digressão?

Princesa – Parece que formaram uma companhia de teatro itinerante, pelo visto.

Líder – Irá fazer-lhes bem apanhar ar fresco. Além disso, o teatro no nosso país já começava a cheirar a encerrado, não acha?

Princesa – Falando em cheiros, aqui também teremos de arejar um pouco.

Líder – Ah, sim?

Princesa – Cheira a merda, não acha?

Líder – Não sei... Na verdade, já não sinto nada há algum tempo...

Princesa – Outro efeito secundário desta doença: as pessoas não só perderam todo o sentido crítico, como também o sentido do olfato. Nem sequer cheiram a merda em que estão.

Líder – É quase um milagre... Será ainda mais fácil governá-los.

Princesa – E quanto ao nosso stock estratégico de papel higiénico, em que situação estamos?

Líder – O exército requisitou papel de jornal para o transformar em papel higiénico. Adeus más notícias! Não vai ler notícias nos jornais durante muito tempo.

Princesa – Não é um pouco perigoso para a liberdade de expressão e, por conseguinte, para a democracia?

Líder – Sem jornais, não há comentários desagradáveis sobre a ação do governo... O período de graça prolongar-se-á ainda mais.

Princesa – Sim... Mas este é o primeiro passo para uma nova ditadura... Tem cuidado, o meu pai também tinha alguns ideais no início...

Líder – Tudo isto é temporário, querida, mas... é evidente que haverá um antes e um depois. E no mundo posterior, não viveremos exatamente como antes...

Princesa – Quando diz "nós", suponho que se refira ao povo, porque para nós... tudo continuará como antes, não?

Líder – Claro...

A rainha mãe entra.

Rainha – Querida, não se esqueceu que estou à sua espera para irmos escolher o seu vestido de noiva em Londres? O nosso jato está à nossa espera...

Princesa – Claro, mãe, estou pronta.

Líder – Devo acompanhá-las?

Rainha – Bem, meu querido, sabe que o noivo não deve ver o vestido antes da cerimónia.

Líder – Nesse caso, deixo-vos... Beberemos este champanhe mais tarde. Bom dia, senhoras. Vemo-nos esta noite, querida...

Ele beija-a e sai.

Rainha – Ele é realmente encantador... E pensar que, no início, seu pai achava-o um esquerdista horrível...

A mãe e a filha também se preparam para sair.

Princesa – Falando do meu pai, como está ele?

Rainha – Meu Deus... Receio que ainda não esteja completamente fora de perigo...

Princesa – E onde está ele, então?

Rainha – Como todos os cidadãos deste reino, querida... No trono!

Saem. A criada entra e começa a arrumar um pouco na sala do trono. O mordomo entra com um tabuleiro, trazendo uma garrafa de champanhe e dois copos. Ao ver que todos os outros saíram, ele oferece um copo à criada.

Mordomo – A senhora está servida!

Criada – Obrigada, meu amigo. Então, também nós fazemos as pazes?

Eles brindam.

Mordomo – Pelo regresso da democracia ao nosso querido país!

Criada – Digamos antes pelo regresso das eleições, pelo menos.

Mordomo – Tem razão, nem sempre é exatamente a mesma coisa.

Criada – As eleições são para a democracia o que a lua de mel é para um casamento por conveniência... Uma semana num palácio tropical, em troca de uma vida a crédito num apartamento nos subúrbios.

Servem-se novamente e bebem.

Mordomo – Se pelo menos pudéssemos ir ao teatro. Sabe? Fecharam os teatros...

Criada – Ao mesmo tempo, o teatro estava tão aborrecido.

Mordomo – É verdade. Tinha-se tornado um teatro de cortesãos. Ninguém dará pela sua ausência.

Criada – Molière arriscava a vida em cada estreia das suas peças. Que riscos corremos hoje em dia no teatro?

Mordomo – Além de apanhar diarreia.

Criada – A única coisa que esses palhaços temem é perder as suas subvenções.

Mordomo – É triste dizê-lo, mas é um facto. É um serviço que devemos prestar a esse tipo de teatro ao proibi-lo.

Mordomo – Quando os teatros subvencionados são transmitidos de pai para filho como se fossem cartórios, é hora de cortar os fundos.

Criada – Abaixo as subvenções!

Mordomo – Abaixo o teatro subvencionado!

Silêncio. Possíveis reações da audiência.

Criada – Espero que não haja diretores de teatro na plateia, porque tenho a sensação de que nos vão guilhotinar a nós...

Mordomo – Duvido que não haja, só eles vão ao teatro nos dias de hoje. Quer que lhe sirva mais champanhe?

Criada – Com prazer.

Bebem de novo. Silêncio. Pouco a pouco voltam à realidade.

Criada – Entretanto, temos de arrumar isto...

Mordomo – Na realidade, assim como no teatro, após as eleições, os líderes mudam, mas nós continuamos a ser os seus servos.

Criada – Enfim... Temos pelo menos cinco minutos entre duas ditaduras.

Mordomo – Uma partida rápida?

Sentam-se cada um de um lado do tabuleiro de xadrez. Ela pega um peão em cada mão e estende-lhe os punhos fechados.

Criada – Vamos! Escolhe o seu lado!

Cena escura.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Encontro na plataforma
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-024-7

Documento para download gratuito